

Publicação original em:

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n° 2

IFCH/UNICAMP - Agosto de 2002 (ISSN: 1676-7047)

Jean-Jacques Rousseau
*Escritos sobre a
Religião e a Moral*

Traduções e notas

Adalberto Luis Vicente

(Dep. de Letras Modernas - FCL - UNESP-Araraquara)

Ana Luiza Silva Camarani

(Dep. de Letras Modernas - FCL - UNESP-Araraquara)

José Oscar de Almeida Marques (Org. e apres.)

(Dep. de Filosofia - IFCH - UNICAMP)

ÍNDICE

<i>APRESENTAÇÃO</i>	3
<i>CARTA DE J. J. ROUSSEAU AO SENHOR DE VOLTAIRE</i>	7
FRAGMENTO	23
<i>CARTAS MORAIS</i>	26
CARTA 1.....	26
CARTA 2.....	31
CARTA 3.....	35
CARTA 4.....	42
CARTA 5.....	47
CARTA 6.....	52
<i>CARTA AO SENHOR DE FRANQUIÈRES</i>	59
<i>FRAGMENTOS SOBRE DEUS E SOBRE A REVELAÇÃO</i>	74
SOBRE DEUS.....	74
PRECE.....	75
PRECE.....	77
MEMORIAL	80
FICÇÃO OU PEÇA ALEGÓRICA SOBRE A REVELAÇÃO	84
FRAGMENTO SOBRE O PODER INFINITO DE DEUS	94

APRESENTAÇÃO

José Oscar de Almeida Marques
Departamento de Filosofia - UNICAMP

Os dois mais importantes textos de Rousseau sobre a religião e que a articulam a suas investigações sobre a política e a formação moral são, respectivamente, o capítulo sobre a religião civil do *Contrato social* e a “Profissão de fé do Vigário da Sabóia”, no Livro IV do *Emílio*. Publicados ambos em 1762, esses trabalhos foram preparados por uma lenta maturação cujos inícios remontam à época da reforma moral e intelectual do autor associada à “iluminação de Vincennes” e à redação do *Discurso sobre as ciências e as artes*, de 1750. Desse período de maturação datam diversos escritos que têm não apenas um significado histórico para o estudioso da evolução do pensamento de Rousseau, mas apresentam grande interesse intrínseco pela profundidade e alcance da reflexão neles desenvolvida. O objetivo desta coletânea é trazer ao leitor esses escritos, presentemente não disponíveis em tradução portuguesa, e que merecem um lugar de destaque ao lado das obras mais canônicas do autor.

O mais famoso desses textos é, sem dúvida, a *Carta a Voltaire sobre a Providência*, datada de 18 de agosto de 1756. O grande terremoto de 1755 em Lisboa, à época uma das maiores e mais ricas cidades da Europa, causou aproximadamente 15 mil mortes, e, especialmente por ter ocorrido no dia da festa de Todos os Santos, com o desmoronamento de igrejas apinhadas de fiéis, produziu um transtorno nas formas de conceber as relações entre Deus, a natureza e a providência. A indignação foi expressa exemplarmente por Voltaire, em seu *Poema sobre o desastre de Lisboa*, que pôs em questão a existência de uma Providência benfazeja. O texto de Rousseau é uma resposta a essa acusação, e uma defesa de sua fé religiosa, com a mobilização dos clássicos argumentos que buscam, desde a Antigüidade, conciliar a onipotência de Deus com sua benevolência. De grande interesse e originalidade são, principalmente, as considerações de Rousseau sobre a responsabilidade das próprias instituições e práticas humanas na magnitude do desastre: “convinde, por exemplo, que a natureza não reuniu ali vinte mil casas de seis a sete andares, e que se os habitantes dessa grande cidade tivessem sido distribuídos mais igualmente, e possuíssem menos coisas, o dano teria sido muito menor, e talvez nulo”.

As *Cartas morais*, ou *Cartas a Sophie*, constituem um trabalho de maior fôlego, escrito sob a forma de um “catecismo moral”, cujo modelo subjacente é o *Discurso do método*, de Descartes. Dirigidas nominalmente à Condessa Élisabeth-Sophie-Françoise d’Houdetot, por quem Rousseau experimentara uma intensa paixão (que alegou ter sido a única de sua vida), elas foram escritas no início de 1758, após o conturbado fim desse relacionamento, e nunca enviadas à destinatária. Partes dessas cartas foram posteriormente incorporadas ao texto da “Profissão de fé”, mas seria errôneo ver nelas apenas um esboço preliminar e dispensável daquele trabalho; de fato, elas adquirem uma importância própria pela originalidade da organização, exposição e desenvolvimento do material, e pelo cuidado e polimento que Rousseau – tendo desde o início uma publicação em vista – dedicou a seu preparo.

Nada se sabe sobre o Sr. de Franquières, destinatário da carta que Rousseau escreveu no início de 1769, aparentemente em resposta a uma série de considerações em defesa do agnosticismo religioso. O estilo não é mais tão assertivo como nos escritos anteriores: é como se Rousseau, tendo já deixado atrás de si suas grandes obras filosóficas e ocupando-se então apenas com a conclusão de suas *Confissões*, não tivesse mais a disposição de embrenhar-se em extensos argumentos em defesa de sua fé. E nem lhe é preciso: à suposição de que um apelo à certeza proporcionada pelo “sentimento interno” constituiria uma base pouco filosófica, o Rousseau tardio pode calmamente objetar que esse sentimento é o único guia que nos permite escapar aos infundáveis sofismas da razão, e que a própria filosofia, em toda sua pompa, não está ela própria em condições de dispensá-lo.

Reúnem-se ao final da coletânea alguns fragmentos e textos diversos ligados ao tema da religião. O fragmento *Sobre Deus* é o mais antigo e remonta provavelmente a 1735, sendo uma das primeiras reflexões do autor sobre a questão da liberdade e a justificação da possibilidade de se escolher o mal. As duas *Preces* são também escritos de juventude, datando da época da residência nas Charmettes, em 1738 ou 1739. Sem pretensão filosófica, elas são reveladoras do tipo da sensibilidade associada à experiência religiosa de Rousseau, e, particularmente na segunda, introduzem informalmente certos temas que terão grande importância em suas reflexões posteriores, como a ubiquidade do olhar de Deus e seu desígnio benfazejo, embora inescrutável por nós.

Uma curiosidade é o *Memorial* dirigido a Monsenhor Boudet, que descreve a conversão da Sra. de Warens pelo Padre Bernex e conclui com o relato do suposto milagre operado por intercessão desse prelado quando do incêndio que ameaçou em 1729 a casa da Sra. de Warens, em que Rousseau vivia. Quando, muitos anos mais tarde, Rousseau negou, nas *Cartas escritas da montanha* (1764), a possibilidade de milagres¹, este testemunho foi localizado e publicado na íntegra por seus adversários para causar-lhe constrangimento. Nas *Confissões* Rousseau afirma ter escrito esse memorial apenas dois anos após o incêndio, alegando em sua defesa sua ingenuidade à época, mas, de fato, o relato data de 1742, ou seja, mais de 12 anos após o acontecimento.

O texto mais místico e enigmático da coletânea é a *Ficção ou peça alegórica sobre a revelação*. De datação incerta, já foi dado como extremamente tardio, talvez mesmo o último escrito a sair da pena de Rousseau. Aceita-se hoje mais a hipótese de que tenha sido composto logo após a instalação de Rousseau no Ermitage, em abril de 1756; neste caso ele faz propriamente parte da série de escritos que prepararam a redação da “Profissão de fé”. O texto recebeu um atento comentário de Starobinski no 4º capítulo de *A transparência e o obstáculo*, e se divide em duas partes, escritas respectivamente na forma literária do devaneio e do sonho: a primeira sendo uma revelação filosófica em que “o santuário da natureza” abre-se ao entendimento do protagonista; a segunda, uma aterradora visão do destino reservado ao sábio que pretende curar a cegueira dos homens. As figuras de Sócrates e Jesus são contrastadas nessa tarefa, e o texto parece incompleto porque o sacrifício de Cristo não se consuma; por outro lado o contraste entre a morte do filósofo e a permanência da palavra de Cristo pode ter sido intencionalmente criado.

As traduções foram feitas a partir dos textos estabelecidos por Henri Gouhier e publicados no volume IV das *Oeuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau*, Bibliothèque de la Pléiade, 1969.

¹ O tema dos milagres retorna brevemente também ao final da *Carta a Franquières*.

CARTA DE J. J. ROUSSEAU
AO SENHOR DE VOLTAIRE
(CARTA SOBRE A PROVIDÊNCIA)

18 de agosto de 1756

Tradução e notas de

Ana Luiza Silva Camarani

CARTA DE J. J. ROUSSEAU AO SENHOR DE VOLTAIRE

18 de agosto de 1756

Vossos últimos poemas chegaram até mim em minha solidão, e embora todos os meus amigos conheçam o amor que tenho por vossos escritos, não sei da parte de quem estes poderiam ter vindo a menos que seja de vossa parte. Neles encontrei prazer e instrução, e reconheci a mão do mestre, e acredito ter o dever de agradecer-vos tanto o exemplar quanto a obra. Não vos direi que tudo me parece igualmente bom, mas as coisas que ali me desagradam só fazem impor mais confiança naquelas que me entusiasmam. Não é sem dificuldade que defendo algumas vezes minha razão contra os encantos de vossa poesia, mas é para tornar minha admiração mais digna de vossas obras que me esforço para não admirar tudo nelas.

Farei mais, Senhor: dir-vos-ei sem rodeios, não as belezas que acreditei sentir nesses dois poemas, a tarefa assustaria minha preguiça, nem mesmo os defeitos que neles talvez observarão pessoas mais hábeis do que eu, mas os desprazeres que perturbam neste instante o gosto que tinha em vossas lições, e eu os direi a vós, ainda enternecido por uma primeira leitura em que meu coração escutava avidamente o vosso, amando-vos como meu irmão, honrando-vos como meu mestre, orgulhando-me enfim de que reconhecereis em minhas intenções a franqueza de uma alma correta, e em meus discursos, o tom de um amigo da verdade que fala a um filósofo. Aliás, quanto mais vosso segundo poema me encanta, mais tomo livremente partido contra o primeiro; pois se não tendes medo de expor-vos a vós mesmo, por que eu temeria ser de vossa opinião? Devo acreditar que não vos atendes muito a sentimentos que tão bem refutais.

Todas minhas censuras são contra vosso poema sobre o desastre de Lisboa, porque esperava dele efeitos mais dignos da humanidade que parece tê-lo inspirado. Reprovais a Pope e a Leibniz insultarem nossos males, ao sustentar que tudo está bem, e ampliais tanto o quadro de nossas misérias que delas agravais o sentimento; no lugar das consolações que eu esperava, não fazeis outra coisa senão me afligir. Dir-se-ia que temeis que eu não veja suficientemente o quanto sou infeliz; e acreditais, parece, tranquilizar-me bastante provando-me que tudo está mal.

Não vos enganéis, Senhor; acontece tudo ao contrário do que propondes. Esse otimismo, que achais tão cruel, consola-me entretanto nas mesmas dores que pintais como insuportáveis.

O poema de Pope² suaviza meus males e leva-me à paciência, o vosso aguça minhas dores, leva-me às queixas e, ao retirar-me tudo exceto uma esperança abalada, reduz-me ao desespero. Nessa estranha oposição que reina entre o que estabeleceis e o que eu sinto, acalmai a perplexidade que me agita e dizei-me quem se engana, o sentimento ou a razão. “Homem, tem paciência”, dizem-me Pope e Leibniz. “Teus males são um efeito necessário de tua natureza e da constituição deste universo. O Ser eterno e benfazejo que te governa teria querido proteger-vos deles. De todas os planos possíveis, escolheu o que reunia menores males e maiores bens, ou (para dizer a mesma coisa ainda mais cruamente, se necessário), se ele não fez melhor, é porque não podia fazer melhor”.

Que me diz, agora, vosso poema? “Sofre para sempre, infeliz. Se há um Deus que te criou, sem dúvida ele é todo-poderoso; ele podia evitar todos os males; logo, não esperes que eles terminem, pois não se poderia ver para que existes se não é para sofrer e morrer”. Não sei o que tal doutrina pode ter de mais consolador do que o otimismo e a própria fatalidade. Quanto a mim, confesso que ela me parece ainda mais cruel do que o maniqueísmo. Se o embaraço da origem do mal vos forçava a alterar alguma das perfeições de Deus, por que querer justificar seu poder em detrimento de sua bondade? Se é preciso escolher entre dois erros, prefiro ainda o primeiro.

Não quereis, Senhor, que vossa obra seja vista como um poema contra a Providência; e abster-me-ei de lhe dar esse nome, embora tenhais qualificado de livro contra o gênero humano um escrito em que eu defendia a causa do gênero humano contra ele mesmo. Sei a distinção que é preciso fazer entre as intenções de um autor e as conseqüências que podem ser tiradas de sua doutrina. A justa defesa de mim mesmo obriga-me somente a fazer-vos observar que, quando pintei as misérias humanas, acredito que meu objetivo era

² *Ensaio sobre o homem*, quatro epístolas publicadas de 1732 a 1734.

desculpável, e mesmo louvável; pois mostrava aos homens como eles próprios produziam suas desgraças e, conseqüentemente, como podiam evitá-las.

Não vejo como se possa buscar a fonte do mal moral em outro lugar que não no homem livre, aperfeiçoado, portanto corrompido; e, quanto aos males físicos, se a matéria sensível e impassível é uma contradição, como me parece ser, eles são inevitáveis em todo sistema do qual o homem faça parte, e então a questão não é por que o homem não é perfeitamente feliz, mas por que ele existe. Além disso, acredito ter mostrado que, exceto a morte, que quase não é um mal senão pelos preparativos de que se a faz preceder, a maior parte de nossos males físicos são mais uma vez obra nossa. Sem deixar o assunto de Lisboa, convinde, por exemplo, que a natureza não reuniu ali vinte mil casas de seis a sete andares, e que se os habitantes dessa grande cidade tivessem sido distribuídos mais igualmente, e possuíssem menos coisas, o dano teria sido muito menor, e talvez nulo. Todos teriam fugido ao primeiro abalo, e sido vistos no dia seguinte a vinte léguas de lá, tão alegres como se nada houvesse acontecido; mas é preciso permanecer, obstinar-se ao redor das habitações, expor-se a novos tremores, porque o que se abandona vale mais do que o que se pode levar. Quantos infelizes pereceram nesse desastre por querer pegar, um suas roupas, outro seus papéis, outro seu dinheiro? Acaso não se sabe que a pessoa de cada homem tornou-se a menor parte dele mesmo, e que quase não vale a pena salvá-la quando se perde todo o resto?

Teríeis desejado (e quem não o teria?) que o terremoto houvesse ocorrido nos confins de um deserto em vez de em Lisboa. Alguém duvida de que eles se produzam também nos desertos? Mas desses não falamos porque não fazem mal nenhum aos senhores da cidade, os únicos homens que levamos em conta; fazem pouco mal até mesmo aos animais e aos selvagens que habitam dispersos nos lugares retirados, e que não temem nem a queda dos telhados nem o incêndio das casas. Mas o que significaria um tal privilégio? Será, então, que a ordem do mundo deve mudar de acordo com nossos caprichos, que a natureza deve ser submissa a nossas leis e que, para impedir um terremoto em algum lugar, bastaria construir lá uma cidade?

Há acontecimentos que muitas vezes nos tocam mais ou menos, segundo os ângulos sob o qual são considerados, e que perdem muito do horror que inspiram à primeira vista, quando

se quer examiná-los de perto. Aprendi em *Zadig*, e a natureza confirma-me dia após dia, que uma morte rápida não é sempre um mal real, e que pode algumas vezes passar por um bem relativo. De tantos homens esmagados sob as ruínas de Lisboa, muitos, sem dúvida, evitaram desgraças maiores; e, apesar do que tal descrição tem de tocante e provê à poesia, não é certo que um único desses infortunados tenha sofrido mais do que se, de acordo com o curso ordinário das coisas, tivesse esperado em longa agonia a morte que vinha surpreendê-lo. Há fim mais triste do que o de um moribundo a quem se extenua com cuidados inúteis, que um notário e herdeiros não deixam respirar, que os médicos assassinam à vontade em seu leito, e a quem padres bárbaros fazem, com arte, saborear a morte? Quanto a mim, vejo em toda parte que os males a que a natureza nos submete são muito menos cruéis que os que nós a eles acrescentamos.

Porém, por mais engenhosos que possamos ser em suscitar nossas misérias à força de belas instituições, não pudemos até agora nos aperfeiçoar a ponto de tornar a vida em geral penosa para nós e preferir o nada à nossa existência; pois se não fosse assim o desencorajamento e o desespero logo se apoderariam da maioria das pessoas, e o gênero humano não teria podido subsistir por muito tempo. Ora, que para nós seja melhor existir do que não existir, só isso já bastaria para justificar nossa existência, mesmo que não tivéssemos nenhuma compensação a esperar pelos males que devemos sofrer, e mesmo que esses males fossem tão grandes quanto os descreveis. Mas é difícil encontrar sobre esse assunto boa fé nos homens e bons cálculos nos filósofos; porque estes, na comparação dos bens e dos males, esquecem sempre o doce sentimento da existência, independentemente de qualquer outra sensação, e porque a pretensão de desprezar a morte leva os outros a caluniar a vida, quase como essas mulheres que, com um vestido manchado e tesouras, pretendem gostar mais dos furos que das manchas.

Pensais com Erasmo que pouca gente gostaria de renascer nas mesmas condições em que viveram, mas aquele que pede um alto preço por sua mercadoria é justamente o que faria um grande abatimento se houvesse alguma esperança de concluir o negócio. Aliás, Senhor, quem devo acreditar que consultastes sobre isso? Ricos, talvez, saciados por falsos prazeres mas ignorando os verdadeiros, sempre enfadados com a vida e sempre temendo perdê-la; talvez pessoas de letras, de todas as espécies de homens o mais sedentário, o mais malsão, o mais reflexivo e, conseqüentemente, o mais infeliz. Quereis encontrar homens de melhor

composição ou, ao menos, comumente mais sinceros e que, por formarem a maioria, devem pelo menos por isso ser escutados de preferência? Consultai um honesto burguês que tenha passado uma vida obscura e tranqüila, sem projetos e sem ambição; um bom artesão que viva comodamente de sua profissão; até mesmo um camponês, não da França, onde se supõe ser preciso fazê-los morrer de miséria para que nos façam viver, mas do país, por exemplo, em que estais, e, em geral, de qualquer país livre. Ouso, de fato afirmar que não há, talvez, no alto Valais um único montanhês descontente com sua vida quase automática, e que não aceitasse de bom grado, em troca até mesmo do Paraíso, a proposta de renascer sem cessar para assim vegetar perpetuamente. Essas diferenças fazem-me crer que é muitas vezes o abuso que fazemos da vida que a torna penosa; e tenho uma opinião muito menos boa daqueles que estão aborrecidos por terem vivido do que daquele que pode dizer com Catão: *Nec me vixisse poenitet, quoniam ita vixi, ut frustrà me natum non existiment*³. Isso não impede que o sábio não possa algumas vezes partir voluntariamente, sem protesto e sem desespero, quando a natureza ou a fortuna lhe trazem bem distintamente a ordem da partida. Mas, de acordo com o curso natural das coisas, apesar de alguns males de que está semeada a vida humana, ela não é, levando-se tudo em conta, uma dádiva ruim; e, se morrer não é sempre um mal, viver o é muito raramente.

Nossas diferentes maneiras de pensar sobre todos esses tópicos mostram-me por que várias de vossas provas são pouco concludentes para mim. Pois não ignoro o quanto a razão humana toma mais facilmente o molde de nossos opiniões do que o da verdade, e que entre dois homens de opinião contrária, aquilo que um acredita demonstrar, é muitas vezes apenas um sofisma para o outro. Quando, por exemplo, atacais a cadeia dos seres tão bem descrita por Pope⁴, dizeis não ser verdade que, se tirarmos um átomo do mundo, o mundo não poderia subsistir. Citais sobre isso o Senhor de Crouzas⁵; depois, acrescentais que a natureza não se submete a nenhuma medida ou forma, que nenhum planeta se move em

³ *De senectute*, XXIII, de Cícero: “*neque me vixisse poenitet, quoniam ita vixi ut non frustra me natum existimem*” (não me arrependo de ter vivido, porque vivi de tal maneira que estimo não ter nascido em vão).

⁴ No *Ensaio sobre o homem*, Epístola 1.

⁵ Jean-Pierre de Crousaz (1663-1750), publicou duas obras contra Pope.

uma curva absolutamente regular, que nenhum ser conhecido tem uma forma precisamente matemática, que nenhuma quantidade precisa é requerida para nenhuma operação, que a natureza nunca age com rigor, e que não há, assim, nenhuma razão para assegurar que um átomo a menos na Terra seria a causa de sua destruição. Confesso-vos que sobre tudo isso, Senhor, fico mais surpreso com a força da asserção do que com a do raciocínio, e que neste momento cederia com mais confiança à vossa autoridade do que a vossas provas.

A respeito do Senhor Crouzas, não li seu escrito contra Pope, e talvez não esteja em posição de compreendê-lo; mas o que há de muito certo é que não cederia a ele o que teria disputado convosco, e que tenho tão pouca fé em suas provas quanto em sua autoridade. Longe de pensar que a natureza não seja submissa à precisão das quantidades e das figuras, acreditaria, ao contrário, que apenas ela segue com rigor essa precisão, porque só ela sabe comparar exatamente os fins e os meios, e adequar a força à resistência. Quanto a essas pretensas irregularidades, pode-se porventura duvidar que cada uma delas tenha sua causa física, e seria suficiente não perceber essa causa para negar que exista? Essas aparentes irregularidades provêm, sem dúvida, de algumas leis que ignoramos e que a natureza segue tão fielmente quanto as que nos são conhecidas, de algum agente que não percebemos e cuja resistência e contribuição têm medidas fixas em todas as suas operações; caso contrário seria preciso dizer claramente que há ações sem princípio e efeitos sem causa, o que repugna a qualquer filosofia.

Suponhamos dois pesos em equilíbrio e entretanto desiguais; que se acrescente ao menor a quantidade de que diferem: ou os dois pesos permanecerão ainda em equilíbrio e ter-se-á uma causa sem efeito, ou o equilíbrio será rompido e ter-se-á um efeito sem causa. Mas se os pesos forem de ferro e houver um pequeno ímã oculto sob um dos dois, a precisão da natureza tirar-lhe-ia então a aparência de precisão, e em virtude de tanta exatidão, esta lhe pareceria faltar. Não existe nenhuma figura, nenhuma operação, nenhuma lei no mundo físico à qual não se possa aplicar algum exemplo semelhante ao que acabo de propor sobre o peso.

Dizeis que nenhum ser conhecido tem uma forma precisamente matemática; pergunto-vos, Senhor, se existe alguma forma possível que não a tenha, e se a curva mais estranha não é tão regular aos olhos da natureza quanto um círculo perfeito aos nossos olhos. De

resto, imagino que se algum corpo pudesse ter essa aparente regularidade, não seria senão o próprio universo, supondo-o pleno e limitado, pois as figuras matemáticas sendo somente abstrações, só têm relações com elas mesmas, ao passo que todas as relações dos corpos naturais referem-se a outros corpos e aos movimentos que os modificam; assim, isso mais uma vez nada provaria contra a precisão da natureza, ainda que estivéssemos de acordo sobre o que entendeis pela palavra *precisão*.

Distinguis os acontecimentos que têm efeitos daqueles que não os têm. Duvido que essa distinção seja sólida. Todo acontecimento parece-me ter necessariamente algum efeito, ou moral, ou físico, ou um composto dos dois, que nem sempre, contudo, são percebidos, porque a filiação dos acontecimentos é ainda mais difícil a seguir do que a dos homens. Como em geral não se deve buscar efeitos mais consideráveis que os acontecimentos que os produzem, a pequenez das causas torna muitas vezes o exame ridículo, embora os efeitos sejam certos, e muitas vezes, também, muitos efeitos quase imperceptíveis reúnem-se para produzir um acontecimento considerável. Acrescentai que tal efeito não deixa de ocorrer embora aja fora do corpo que o produz. Assim, a poeira que uma carruagem ergue pode nada fazer à marcha do veículo e influenciar a do mundo; mas como não há nada de estranho ao universo, tudo que nele se faz, age necessariamente sobre o próprio universo. Assim, Senhor, vossos exemplos parecem-me mais engenhosos do que convincentes; vejo mil razões plausíveis pelas quais talvez não fosse indiferente à Europa que, um certo dia, a herdeira da Borgonha estivesse bem ou mal penteada; nem ao destino de Roma que César voltasse os olhos à direita ou à esquerda e cuspiisse de um lado ou de outro ao ir ao Senado no dia em que ali foi condenado⁶. Em uma palavra, recordando o grão de areia de citado por Pascal⁷ sou, de certa maneira, da opinião de vosso brâmane⁸ e de qualquer modo que se veja as coisas, se nem todos os acontecimentos têm efeitos sensíveis, parece-me incontestável que todos têm efeitos reais, dos quais a mente humana perde facilmente o fio, mas que nunca são confundidos pela natureza.

⁶ Exemplos citados por Voltaire em seu comentário.

⁷ Em *Pensées*.

⁸ Denominação que Rousseau teria dado ao eremita de *Zadig*, conto de Voltaire.

Dizeis que está demonstrado que os corpos celestes fazem sua revolução em um espaço sem resistência. Essa é certamente, uma coisa bela de demonstrar, mas segundo o costume dos ignorantes, tenho muito pouca fé nas demonstrações que ultrapassam meu alcance. Imaginaria que, para se construir essa demonstração, ter-se-ia raciocinado mais ou menos desta maneira:

Tal força agindo segundo tal lei deve dar aos astros tal movimento em um meio sem resistência; ora, os astros têm exatamente o movimento calculado; logo, não há resistência. Mas quem pode saber se não há, talvez, um milhão de outras leis possíveis, sem contar a verdadeira, segundo as quais os mesmos movimentos se explicariam melhor ainda em um fluido do que no vácuo por esta última? Não é verdade que o horror ao vácuo explicou por muito tempo a maioria dos efeitos que depois foram atribuídos à ação do ar? Em seguida, outras experiências tendo destruído o horror ao vácuo, não se tornou tudo pleno? E não se restabeleceu o vazio sobre novos cálculos? Quem nos responderá se um sistema ainda mais exato não o destruirá mais uma vez? Deixemos as inúmeras dificuldades que um físico levantaria, talvez, sobre a natureza da luz e dos espaços iluminados; mas, acreditais honestamente que Bayle⁹, de quem, como vós, admiro a sabedoria e a firmeza em matéria de opinião, teria achado a vossa tão demonstrada? Em geral, parece que os cétricos se esquecem um pouco disso tão logo tomam um tom dogmático, e que deveriam usar mais sobriamente do que ninguém o termo *demonstrar*. Qual o meio de ser acreditado, quando se vangloria de nada saber, ao afirmar tantas coisas?

De resto, fizestes uma correção muito justa ao sistema de Pope, ao observar que não há nenhuma gradação proporcional entre as criaturas e o Criador, e que se a cadeia dos seres criados chega até Deus é porque ele a segura, não porque a termina.

Sobre o bem do todo, preferível ao de sua parte, fazeis dizer ao homem: “Devo ser tão caro a meu mestre, eu, ser que pensa e sente, quanto os planetas que provavelmente não sentem nada”. Sem dúvida, esse universo material não deve ser mais caro a seu autor do

⁹ Pierre Bayle (1647-1706), escritor francês cujo espírito crítico anuncia o pensamento filosófico do século XVIII.

que um único ser que pensa e sente. Mas o sistema desse universo que produz, conserva e perpetua todos os seres que pensam e sentem deve lhe ser mais caro do que um único desses seres; logo, ele pode, apesar de sua bondade, ou antes por sua própria bondade, sacrificar alguma coisa da ventura dos indivíduos à conservação do todo. Eu creio, eu espero valer mais aos olhos de Deus do que a terra de um planeta, mas se os planetas são habitados, como é provável, por que valeria eu a seus olhos mais que todos os habitantes de Saturno? Mesmo que essas idéias sejam ridicularizadas, é certo que todas as analogias são a favor desse povoamento e que apenas o orgulho humano é contra. Ora, supondo-se esse povoamento, a conservação do universo parece ter, para o próprio Deus, uma moralidade que se multiplica pelo número de mundos habitados.

Que o cadáver de um homem alimente vermes, lobos ou plantas, não é, confesso, uma compensação da morte desse homem; mas se, no sistema do universo, for preciso à conservação do gênero humano que haja uma circulação de substância entre homens, animais e vegetais, então o mal particular de um indivíduo contribui para o bem geral. Morro, sou comido pelos vermes, mas meus filhos, meus irmãos viverão como eu vivi, e eu faço, pela ordem da natureza, para todos os homens, o que Codros, Cúrcio, os Décios, os Filenos¹⁰ e mil outros fizeram voluntariamente para uma pequena parte dos homens.

Para voltar, Senhor, ao sistema que atacais, creio que não se pode examiná-lo convenientemente sem distinguir, com cuidado, o mal particular, de que nenhum filósofo jamais negou a existência, do mal geral que o otimismo nega. A questão não é saber se cada um de nós sofre ou não, mas sim se é bom que o universo exista, e se nossos males são inevitáveis na constituição do universo. Assim, a adição de um artigo tornaria, parece-me, a proposição mais exata; e em lugar de *Tudo está bem*, talvez fosse preferível dizer: *O todo*

¹⁰ Tendo um oráculo revelado que a cidade seria tomada pelo inimigo se o rei fosse poupado, Codro, rei de Atenas, resolveu sacrificar-se por sua pátria; disfarçado de mendigo, rumou para a linha inimiga e foi morto por um adversário. O oráculo de Roma declarou que o grande abismo que surgira na cidade só se fecharia quando nele os romanos lançassem o que tinham de mais precioso; entendendo que o maior valor de Roma estava em sua juventude e em seus soldados, Curtius, jovem soldado romano precipitou-se no abismo. Décio era o nome de família de três romanos, pai, filho e neto, que se sacrificaram aos deuses infernais para garantirem as vitórias de Roma. Os Filenos eram dois irmãos de Cartago, que se deixaram enterrar vivos como condição proposta pelos habitantes de Cirene, para demarcar a fronteira entre as duas cidades da África.

está bem, ou Tudo está bem para o todo. Fica bem evidente, então, que nenhum homem poderia dar provas diretas nem a favor nem contra essa proposição, pois essas provas dependem de um conhecimento perfeito da constituição do mundo e do objetivo de seu autor, e esse conhecimento está incontestavelmente acima da inteligência humana. Os verdadeiros princípios do otimismo não podem ser tirados nem das propriedades da matéria, nem da mecânica do universo, mas somente por indução das perfeições de Deus que preside a tudo; de modo que não se prova a existência de Deus pelo sistema de Pope, mas o sistema de Pope pela existência de Deus, e é sem contradição da questão da Providência que se deriva a da origem do mal. Se essas duas questões não foram melhor tratadas, tanto uma quanto outra, é que sempre se refletiu tão mal sobre a Providência que todo o absurdo que dela se disse confundiu enormemente todos os corolários que se podia tirar desse grande e consolador dogma.

Os primeiros que prejudicaram a causa de Deus foram os padres e os devotos, que não admitem que nada se faça segundo a ordem estabelecida, mas fazem sempre intervir a justiça divina em acontecimentos puramente naturais, e, para se certificarem desse fato, punem e castigam os malvados, põem à prova ou recompensam os bons indiferentemente com bens ou males, de acordo com as circunstâncias. Quanto a mim, não sei se essa é uma boa teologia, mas penso que não é um exemplo de bom raciocínio fundamentar indiferentemente no pró e no contra as provas da Providência, e de atribuir-lhe sem escolha tudo o que se faria igualmente sem ela.

Os filósofos, por sua vez, não me parecem muito mais razoáveis quando os vejo culpar o Céu pelo que os perturba, gritar que tudo está perdido quando têm dor de dentes, ou porque são pobres, ou foram roubados, e encarregar Deus, como diz Sêneca, da guarda de sua valise¹¹. Se algum trágico acidente tivesse feito perecer Cartouche¹² ou César em sua infância teriam dito: que crimes cometeram eles? Esses dois bandidos viveram, e nós dizemos: por que se deixou que vivessem? Ao contrário, um devoto dirá no primeiro caso:

¹¹ Em *De providentia*, VI, I.

¹² Louis Dominique Cartouche (1693-1721), chefe de um bando de ladrões, nascido em Paris.

Deus quis punir o pai tirando-lhe seu filho, e no segundo: Deus conservou a criança para castigo do povo. Assim, qualquer partido que tenha tomado a natureza, a Providência tem sempre razão para os devotos, e sempre erra para os filósofos. Talvez, na ordem das coisas humanas, ela nem erre nem tenha razão, porque tudo depende das leis gerais e não há exceção para ninguém. Pode-se supor que os acontecimentos particulares aqui em baixo não são nada aos olhos do senhor do universo, que sua Providência é apenas universal, que ele se contenta em conservar os gêneros e as espécies e presidir ao todo, sem se inquietar com maneira como cada indivíduo passa esta curta vida. Um rei sábio, que quer que cada um viva feliz em seus Estados, tem necessidade de informar-se se os cabarés ali são bons? O passante reclama uma noite quando são ruins, e ri todo o resto de seus dias de uma impaciência tão deslocada. *Commorandi enim Natura diversorium nobis, non habitandi dedit*¹³.

Para pensar corretamente sobre isso, parece-me que as coisas deveriam ser consideradas relativamente na ordem física e absolutamente na ordem moral; de modo que a maior idéia que posso fazer-me da Providência é que cada ser material esteja disposto o melhor possível em relação ao todo, e cada ser inteligente e sensível o melhor possível em relação a si próprio. O que significa, em outras palavras, que, para aquele que sente sua existência, mais vale existir que não existir. Mas é preciso aplicar essa regra à duração total de cada ser sensível, e não a alguns instantes particulares de sua duração, tais como a vida humana. O que mostra quanto a questão da Providência está ligada à da imortalidade da alma, em que tenho a ventura de acreditar sem ignorar que a razão pode dela duvidar, e à da eternidade dos sofrimentos, em que nem vós, nem eu, nem nenhum homem que pense bem de Deus, jamais acreditaremos.

Trazendo essas diversas questões de volta a seu princípio comum, parece-me que todas elas se referem à da existência de Deus. Se Deus existe, ele é perfeito; se é perfeito, é sábio, poderoso e justo; se ele é sábio e poderoso, tudo está bem; se ele é justo e poderoso, minha alma é imortal; se minha alma é imortal, trinta anos de vida não são nada para mim e são

¹³ Cícero, em *De senectute*, XXIII, 84: “a natureza quis que estivéssemos na Terra como hóspedes de passagem, não como habitantes”.

talvez necessários à manutenção do universo. Se concordam com a primeira proposição, as seguintes jamais serão abaladas; se a negam, não é preciso discutir sobre as conseqüências.

Não estamos, nem vós nem eu, nesse último caso. Longe, pelo menos, de poder presumir algo de semelhante de vossa parte ao ler o conjunto de vossas obras, a maioria delas oferecem as idéias mais altas, mais suaves, mais consoladoras da Divindade; e prefiro um cristão ao vosso modo do que ao modo da Sorbonne.

Quanto a mim, confessar-vos-ei ingenuamente que, nesse ponto, nem o pró nem o contra me parecem demonstrados pelas luzes da razão, e que se o teísta funda seu sentimento apenas sobre probabilidades, o ateu, menos preciso ainda, parece-me fundar o seu apenas sobre possibilidades contrárias. Além disso, as objeções, de uma e de outra parte, são sempre insolúveis, porque giram em torno de coisas das quais os homens não têm uma idéia verdadeira. Reconheço tudo isso, e, no entanto, creio em Deus tão fortemente quanto em qualquer outra verdade, porque crer e não crer são as coisas que menos dependem de mim; porque o estado de dúvida é um estado demasiado violento para minha alma; porque, quando minha razão divaga, minha fé não pode permanecer muito tempo em suspenso e se decide sem ela; enfim, porque mil questões me atraem de preferência para o lado mais consolador, e juntam o peso da esperança ao equilíbrio da razão.

[Lembro-me que, em toda minha vida, o que me impressionou mais fortemente sobre a questão do arranjo fortuito do universo foi o vigésimo primeiro pensamento filosófico, em que se mostra, pelas leis da análise dos acasos, que quando a quantidade dos lances é infinita, a dificuldade do acontecimento é mais do que suficientemente compensada pela multidão dos lances, e que, em conseqüência, a mente deve espantar-se mais com a duração hipotética do caos do que com o nascimento real do universo¹⁴. – Tal consideração, supondo-se o movimento necessário, é, para meu gosto, a mais poderosa que ouvi sobre essa disputa; e, quanto a mim, declaro que não tenho para ela a menor resposta dotada de senso comum, nem verdadeiro, nem falso, a não ser negar como falso o que não se pode saber, isto é, que o movimento seja essencial à matéria. Por outro lado, não é de meu

¹⁴ Cf. Diderot, *Pensées philosophiques*.

conhecimento que se tenha algum dia explicado pelo materialismo a geração dos corpos organizados e a perpetuação dos germes; mas entre as duas posições opostas há a diferença de que, embora uma e outra me pareçam igualmente convincentes, somente a última me persuade. Quanto à primeira, se me disserem que a *Henriade*¹⁵ foi composta por um lance fortuito de caracteres, nego-o sem titubear: é mais possível ao acaso obter esse resultado do que à minha mente acreditar nele; e sinto que há um ponto em que as impossibilidades morais equivalem, para mim, a uma certeza física. Não adianta falarem-me da eternidade dos tempos, eu não a percorri; da infinidade dos lances, não os contei; e minha incredulidade, tão pouco filosófica quanto queiram, triunfará sobre a própria demonstração. Não proíbo que isso que chamo *prova de sentimento* seja chamado *preconceito*, e não ofereço essa obstinação de crença como um modelo, mas, com uma honestidade talvez única, apresento-a como uma disposição invencível de minha alma, que nada jamais poderá sobrepujar, da qual, até agora, nada tenho a lastimar, e que não se pode atacar sem crueldade.]

Eis, pois, uma verdade da qual os dois partimos, com base na qual sentis o quanto o otimismo é fácil de ser defendido e a Providência de ser justificada, e não vos é necessário repetir os raciocínios repisados mas sólidos que tantas vezes foram feitos sobre esse assunto. Quanto aos filósofos que não aceitam o princípio, não é preciso discutir com eles sobre essas matérias, pois aquilo que para nós não é mais que uma prova de sentimento não pode se tornar para eles uma demonstração, e porque não é razoável dizer a um homem: deveis acreditar nisso porque eu acredito. Eles, por seu lado, não devem disputar conosco sobre essas mesmas matérias porque elas são apenas corolários da proposição principal que um adversário honesto quase não ousa lhes opor e porque, de sua parte, eles estarão errados em exigir que se lhes prove o corolário independentemente da proposição que lhe serve de base. Penso que não devem fazê-lo ainda por uma outra razão. É que é falta de humanidade perturbar as almas pacíficas e entristecer os homens inutilmente, quando o que se quer ensinar-lhes não é certo nem útil. Em uma palavra, penso, seguindo seu exemplo, que se

¹⁵ Exilado na Inglaterra, Voltaire publica em 1728 a *Henriade*, recomposição do poema *La Ligue*, que dedica à rainha do país que o acolheu.

deve atacar com a máxima força a superstição que perturba a sociedade, e dedicar o máximo respeito à religião que a sustenta.

Mas, como vós, fico indignado com o fato de que a fé de cada um não tenha a mais perfeita liberdade, que o homem ouse controlar o interior das consciências, onde não poderia penetrar; como se dependesse de nós crer ou não crer em matérias em que a demonstração não tem lugar, e que se pudesse algum dia escravizar a razão à autoridade. Têm, então, os reis deste mundo alguma visão no outro? E têm eles o direito de atormentar seus súditos aqui na Terra para forçá-los a ir para o Paraíso? Não, todo governo humano limita-se por sua natureza aos deveres civis; e, não importa o possa ter dito o sofista Hobbes, quando um homem serve bem ao Estado, não deve prestar contas a ninguém da maneira como serve a Deus.

Ignoro se esse Ser justo não punirá um dia toda tirania exercida em seu nome; ao menos, estou bem certo de que ele não compartilhará dela e não recusará a ventura eterna a nenhum incrédulo virtuoso e de boa fé. Sem ofender sua bondade e mesmo sua justiça, posso porventura duvidar de que um coração honesto resgate um erro involuntário, e que hábitos irreprocháveis valham tanto quanto mil cultos bizarros prescritos pelos homens e rejeitados pela razão? Direi mais: se pudesse, à minha escolha, obter as boas obras à custa de minha fé e compensar à força de virtude minha suposta incredulidade, não hesitaria um só instante; e preferiria poder dizer a Deus: Sem pensar em ti, fiz o bem que te é agradável, e meu coração seguia tua vontade sem conhecê-la, do que lhe dizer, como será preciso que faça um dia: Ai de mim! Amei-te e não cessei de te ofender; eu te conheci, e nada fiz para te agradar.

Confesso que existe uma espécie de profissão de fé que as leis podem impor¹⁶; mas, exceto os princípios da moral e do direito natural, ela deve ser puramente negativa, porque podem existir religiões que ataquem os fundamentos da sociedade, e é preciso começar por exterminar essas religiões para assegurar a paz do Estado. Desses dogmas a serem proscritos, a intolerância é, sem dúvida, o mais odioso, mas é preciso tomá-lo em sua

¹⁶ Rousseau delineia aqui o que chamará de “religião civil” no *Contrato social*.

origem, pois os mais sanguinários fanáticos mudam sua linguagem segundo a fortuna, e pregam apenas paciência e doçura quando não são os mais fortes. Assim, denomino intolerante em princípio todo homem que imagina que não se pode ser homem de bem sem acreditar em tudo o que ele acredita, e condena impiedosamente todos aqueles que não pensam como ele. Com efeito, os fiéis raramente têm a disposição de deixar os condenados às penas eternas em paz neste mundo; e um santo que acredita viver com réprobos habitualmente se antecipa ao ofício do diabo. E se houvesse incrédulos intolerantes que quisessem forçar o povo a não crer em nada, eu não os baniria menos severamente do que os que o querem forçar a crer em tudo aquilo que lhes agrada.

Gostaria, então, que houvesse em cada Estado um código moral, ou uma espécie de profissão de fé civil, contendo, positivamente, as máximas sociais que cada um seria obrigado a admitir, e negativamente, as máximas fanáticas que seria obrigado a rejeitar, não como ímpias, mas como sediciosas. Assim, toda a religião que pudesse estar de acordo com o código, seria admitida, toda religião que discordasse dele seria proscrita, e cada um seria livre de não ter outra a não ser o próprio código. Essa obra, feita com cuidado, seria, parece-me, o livro mais útil jamais composto e, talvez, o único necessário aos homens. Eis, senhor, um assunto para vós. Desejaria apaixonadamente que aceitásseis empreender essa obra e embelezá-la com vossa poesia, a fim de que, podendo ser aprendida facilmente por todos, ela trouxesse desde a infância a todos os corações esses sentimentos de doçura e de humanidade que brilham em vossos escritos e que sempre faltarão aos devotos. Exorto-vos a examinar atentamente esse projeto, que deve agradar ao menos à vossa alma. Destes-nos, em vosso *Poema sobre a religião natural*, o catecismo do homem; dai-nos agora, nesse que vos proponho, o catecismo do cidadão. É uma matéria a ser meditada por muito tempo e, talvez, reservada como última de vossas obras, a fim de encerrar, com um benefício ao gênero humano, a mais brilhante carreira jamais percorrida por um homem de letras.

Não posso impedir-me, Senhor, de observar a esse propósito, uma oposição bem singular entre vós e mim quanto ao assunto desta carta. Saciado de glória e descrente das vãs grandezas, viveis livre em meio à abundância; bem seguro da imortalidade, filosofais pacificamente sobre a natureza da alma; e se o corpo ou o coração sofre, tendes Tronchin como médico e amigo; não encontrais, entretanto, senão o mal sobre a Terra. E eu, obscuro, pobre e atormentado por um mal sem remédio, medito com prazer em meu retiro e acho

que tudo está bem. De onde provêm essas manifestas contradições? Vós mesmo as explicastes: vós gozais a vida, mas eu espero, e a esperança embeleza tudo.

Tenho tanta dificuldade em concluir esta carta enfadonha quanto vós tereis em acabar de lê-la. Perdoai-me, grande homem, um zelo talvez indiscreto, mas que não se expandiria convosco se eu vos estimasse menos. Que a Deus não praza que eu queira ofender aquele de meus contemporâneos de quem mais respeito os talentos, e cujos escritos mais falam a meu coração, mas trata-se da causa da Providência da qual espero tudo. Depois de haver por tanto tempo buscado consolações e coragem em vossas lições, é-me penoso que vós me tireis agora tudo isso para não me oferecer mais que uma esperança incerta e vaga, mais como um paliativo presente que uma compensação futura. Não! Sofri demais nesta vida para não ter esperança em uma outra. Todas as sutilezas da metafísica não me farão duvidar um só momento da imortalidade da alma e de uma Providência benfazeja. Eu a sinto, creio nela, quero-a, espero por ela, defendê-la-ei até o meu último suspiro; e essa será, de todas as discussões que terei sustentado, a única em que meu interesse não será esquecido.

Sou, Senhor, etc.

FRAGMENTO

O constrangimento das consciência[s] nunca fez prosélitos, mas somente homens fracos e falsos, forçados a mentir incessantemente ao público, ao próprio Deus, e a professar sentimentos que não têm. O dogma não é nada, a moral é tudo, Deus não exige que creiamos pois não nos dá esse poder, mas exige a prática da virtude porque cada um é senhor de suas ações. Em uma palavra, se alguma coisa pudesse me provar a existência do diabo, seria o horrível dogma da intolerância, porque nada se assemelha mais a uma produção do inferno do que toda violência que se pratica em honra do céu. Sei que jamais alguém disse essas coisas com mais força do que vós, e só as repito a fim de vos provar que creio em Deus, pois não ignoro que todos os que querem fazer perseguições em favor da religião estão eles próprios desprovidos dela, ou que, se porventura forem devotos, isso não impede que sejam celerados.

Tenho amigos respeitáveis que são acusados de ceticismo em matéria de religião. Quanto a mim, abstenho-me com relação a eles de um exame temerário que não interessa nem à sociedade, pois eles são pessoas honestas, nem a eles próprios, se têm boa fé. Observarei somente que não cabe a seus acusadores persuadir o público de que só celerados adoram Deus e que todas as pessoas de bem são atéias. Qualquer que seja a crença dos homens em geral, a minha, assim como a vossa, é que não é pela razão, mas pelo coração, que eles serão julgados, porque todos têm um sentimento sobre o bem e sobre o mal, não um conhecimento infalível do verdadeiro e do falso, e porque seria injusto que se tivesse de prestar contas do que não se recebeu. Eu adoro do fundo de minha alma o autor de meu ser; espero que ele não me tenha criado para me tornar infeliz, e que não imputará à vontade as fraquezas da natureza; mas, qualquer que seja o sentimento de meus amigos sobre sua essência divina, posso eu duvidar que um coração honesto resgate neles um erro involuntário e que costumes irreprocháveis valham tanto quanto certos cultos bizarros prescritos pelos homens e rejeitados pela razão? Direi mais: se pudesse, por minha escolha, ser virtuoso e não crer em nada, ou ter para sempre apenas uma fé morta e sem obras, não titubearia em preferir o primeiro estado ao outro, e gostaria ainda mais de poder dizer a Deus: *fiz sem pensar em ti o bem que te é agradável e meu coração seguia tua vontade sem*

a conhecer; do que dizer, como será preciso que eu faça um dia: Ai de mim, amei-te e não cessei de te ofender, conheci-te e nada fiz para agradar-te.

Muito me surpreende que se tolere há tanto tempo em certas pessoas esse infame e santo costume de acusar de impiedade os filósofos que não puderam convencer do erro, e de perseguir o autor quando não conseguem refutar a obra. Surpreende-me ainda mais que os poderes dignem-se freqüentemente escutar esses falsos beatos e manter sempre o braço pronto a serviço de sua ferocidade. Têm os reis deste mundo alguma visão no outro, e têm o direito de atormentar seus súditos aqui na Terra para forçá-los a ir para o paraíso? Não. A autoridade de todo governo humano limita-se por sua natureza aos deveres civis, e apesar do que Hobbes tenha podido dizer sobre isso, quando um homem serve bem o Estado, não deve prestar contas a ninguém da maneira como serve Deus.

CARTAS MORAIS

(CARTAS A SOPHIE)

Tradução e notas de

José Oscar de Almeida Marques

CARTAS MORAIS

[CARTA 1]

Vinde, minha cara e digna amiga, escutar a voz daquele que vos ama; ela não é, bem o sabeis, a de um vil sedutor; se alguma vez meu coração se desencaminhou nos votos com os quais me fizestes enrubescer, minha boca pelo menos não tentou justificar meus descaminhos, a razão travestida em sofismas não cedeu seus préstimos ao erro; o vício humilhado calou-se diante do sacro nome da virtude; a fé, a honra, a santa verdade não foram ultrajadas em meu discurso; ao abster-me de dar nomes honestos a minhas faltas impedi que a honestidade abandonasse meu coração, mantive-o aberto às lições da sabedoria que vos dignastes fazer-me ouvir. É minha vez, agora, ó Sophie, de dar-vos o prêmio de vossos esforços. Como conservastes em minha alma as virtudes que vos são caras, quero infundir na vossa aquelas que talvez ela ainda desconheça. Como sou feliz por não ter jamais prostituído nem minha pena nem minha boca pela mentira! Sinto-me por isso menos indigno de encarnar hoje, junto a vós, a voz da verdade.

Recordando a ocasião em que me demandastes regras morais para vosso uso, duvido de que já não praticásseis então uma das mais sublimes, e que, no perigo ao qual me expunha uma cega paixão, não cuidásseis mais ainda de minha instrução que da vossa. Só um celerado poderia expor os deveres de outrem ao mesmo tempo em que calca os seus próprios sob os pés ou molda a moral a suas paixões, e vós, que me honrais com vossa amizade, sabeis bem que, apesar de um coração fraco, não tenho uma alma malévola. Ao esforçar-me, hoje, para cumprir a nobre tarefa que me impusestes, presto-vos uma merecida homenagem. A virtude é-me mais cara após tê-la recebido de vós.

Ao submeter ao dever e à razão os sentimentos que me havíeis inspirado, vós exercestes a maior e mais digna autoridade que o céu outorgou à beleza e à sabedoria. Não, Sophie, um amor como o meu não poderia ceder senão a ele próprio; somente vós, como os deuses, poderíeis destruir vossa obra, e não caberia senão a vossas virtudes apagar os efeitos de vossos encantos.

Meu coração ao depurar-se não se separou do vosso, muito ao contrário: ao amor cego sucederam-se mil sentimentos esclarecidos que me impõem o encantador dever de amar-vos por toda minha vida, e sois ainda mais cara para mim depois que cessei de vos adorar. Meus desejos, longe de se atenuarem pela mudança de objeto, ficaram ainda mais ardentes ao se tornarem mais honestos. Se eles ousaram, no segredo de meu coração, prestar atenção a vossos atractivos, já expiaram esse ultraje; e nada mais almejam que a aperfeiçoar vossa alma e justificar, se possível, tudo que a minha sentiu por vós. Sim, sede perfeita como podeis sê-lo, e serei mais feliz do que se vos houvesse possuído. Possa meu zelo ajudar a elevar-vos tão alto acima de mim que o amor próprio me compense em vós por minhas humilhações e de algum modo me console por não ter podido alcançar-vos. Ah, se os cuidados de minha amizade podem encorajar vossos progressos, pensai algumas vezes em tudo que tenho o direito de esperar de um coração que o meu não pôde merecer.

Após tanto tempo perdido a perseguir uma glória vã, a dizer ao público verdades que ele não está absolutamente em condições de compreender, vejo-me enfim voltado para um objetivo útil: cumprirei os encargos que exigis de mim, ocupar-me-ei de vós, de vossos deveres, das virtudes que vos convêm, dos meios de aperfeiçoar vossa boa disposição natural. Ter-vos-ei sempre sob os olhos, e, ainda que passasse a vida a procurar uma ocupação agradável, não poderia encontrar uma que se adequasse melhor a meu coração que essa que vós me impondes.

Jamais algum projeto se formou sob mais doces auspícios, jamais uma empreitada prometeu sucesso mais venturoso. Tudo o que pode inflamar a coragem e alimentar a esperança une-se à mais terna amizade para estimular minha dedicação. O caminho da perfeição abre-se a vós sem obstáculos; a natureza e o destino tanto fizeram por vós que o que ainda vos falta não depende senão de vossa vontade, e vosso coração dá testemunho desta em tudo o que diz respeito à virtude. Portais um nome ilustre, sustentado por vossa fortuna e honrado por vosso mérito; uma família nascente espera apenas vossos cuidados para tornar-vos um dia a mais feliz das mães; vosso esposo, bem recebido na corte, admirado na guerra, hábil nos negócios, goza de uma felicidade ininterrupta desde seu casamento. O gosto dos prazeres não vos é desconhecido, mas a reserva e a moderação são-vos ainda mais naturais; tendes as qualidades que trazem o sucesso na vida mundana, as

luzes que fazem desprezá-la e os talentos que compensam esse desprezo; estareis em toda parte em que quiserdes estar, e sempre em vosso lugar.

Mas isso ainda não seria o bastante: mil outras gozam de todas essas vantagens e não passam de mulheres comuns. Outros bens, mais preciosos, fazem parte de vosso admirável quinhão. Um espírito justo e penetrante, um coração reto e sensível, uma alma tomada de amor pelo belo e um refinado sentimento para reconhecê-lo, eis as garantias das esperanças que concebi em relação a vós. Não sou eu que quero que sejais a melhor, a mais digna, a mais respeitável das mulheres: é a natureza que assim o desejou, não frustrar seus desígnios, não sepulte seus talentos. Só vos peço que interrogueis vosso coração e façais o que ele vos prescreve. Não ouçais minha voz, Sophie, senão na medida em que a sentirdes confirmada pela dele.

Entre todos esses dons que o Céu vos atribuiu, ousaria eu incluir o de um amigo fiel? Sabeis que há um que, não contente em vos querer bem tal como sois, está tomado de um vivo e puro entusiasmo por tudo o que se deve esperar de vós. Ele vos contempla com um olhar ávido em todos os estados em podeis vos encontrar, ele vos vê em cada instante de sua vida, no passado, no presente, no porvir; ele gostaria de reunir de uma só vez todo vosso ser no fundo de sua alma, ele não conhece outro prazer que o de ocupar-se incessantemente de vós, seu mais caro desejo é o de ver-vos perfeita o bastante para inspirar a todo o universo os mesmos sentimentos que ele tem por vós. Próximo ao fim de minha curta carreira, o ardor de que me sinto inflamado parece indicar que recebo uma nova vida para empregá-la a guiar a vossa. Meu espírito se ilumina pelo fogo de meu coração, e experimento em mim o impulso invencível do gênio. Creio-me um enviado do Céu para aperfeiçoar sua obra mais digna. Sim, Sophie, o trabalho de meus últimos dias absolverá minha juventude estéril se vos dignardes a me escutar; o que eu tiver feito por vós redimirá a inutilidade de minha vida inteira, e tornar-me-ei melhor eu mesmo ao esforçar-me para dar-vos o exemplo das virtudes pelas quais quero inspirar vosso amor.

Embora tenhamos deixado de nos ver, sinto que jamais deixaremos de nos amar, pois nossa afeição mútua se funda em relações que não perecem. É em vão que o destino e os maldosos nos separam, nossos corações estarão sempre próximos, e se eles se entendiam

tão bem quando duas paixões contrárias lhes inspiravam desejos incompatíveis, que não farão hoje, reunidos no objeto mais puro que poderia preenchê-los?

Lembrai-vos dos belos dias daquele verão tão encantador, tão curto e tão apropriado para deixar longas recordações¹⁷. Lembrai-vos das caminhadas solitárias que gostávamos de refazer sobre aquelas colinas ensombreadas onde o mais fértil vale do mundo espalhava sob nossos olhos todas as riquezas da natureza, como para desinteressar-nos dos falsos bens da opinião mundana. Pensai naquelas deliciosas conversas em que, na efusão de nossas almas, a confiança de nossos pesares os aliviava mutuamente, e em que vertíeis a paz da inocência sobre os mais doces sentimentos que o coração do homem jamais experimentou. Sem estarmos unidos no mesmo laço, sem arder na mesma chama, não sei que fogo celeste nos animava com seu ardor e nos fazia suspirar juntos por bens desconhecidos que estávamos feitos para gozar juntos. Não duvideis, Sophie, de que esses bens tão desejados eram os mesmos cuja imagem venho hoje vos oferecer, a mesma inclinação por tudo que é bom e honesto nos ligava um ao outro, e a mesma sensibilidade reunida nos fazia encontrar mais encantos no objeto comum de nossa adoração. Como estaríamos mudados e como seria lamentável se pudéssemos chegar a esquecer momentos tão caros, se pudéssemos deixar de nos lembrar prazerosamente um do outro, sentados ao pé de um carvalho, vossa mão em minha mão, vossos olhos enternecidos fixos nos meus e derramando lágrimas mais puras que o orvalho do céu. Sem dúvida o homem vil e corrompido poderia de longe interpretar nossos discursos de acordo com a baixeza de seu coração, mas o observador irrepreensível, o olho eterno que jamais se engana via talvez com satisfação duas almas sensíveis incentivando-se mutuamente à virtude e alimentando em uma deliciosa comunicação todos os puros sentimentos dos quais ele as havia impregnado.

Eis as garantias do sucesso de meus esforços, eis o que me dá o direito de ousar empreendê-los. Ao vos expor meus sentimentos sobre as práticas da vida, pretendo menos dar-vos lições que apresentar-vos minha profissão de fé; a quem poderia eu confiar melhor meus princípios que àquela que tão bem conhece todos os meus sentimentos? Sem dúvida,

¹⁷ O idílio amoroso com Sophie d'Houdetot está descrito no livro IX das *Confissões*.

em meio a importantes verdades que poderão ser-vos de utilidade, encontrareis aqui erros involuntários dos quais vossa retidão de coração e espírito saberá curar-me e preservar-vos. Examinai, discerni, escolhei, dignai-vos explicar-me as razões de vossa escolha, e que possais tirar tanto benefício destas cartas quanto o autor espera obter de vossas reflexões. Se às vezes assumo convosco o tom de um homem que crê instruir, bem o sabeis, Sophie, que com esse ar de mestre não faço senão obedecer-vos, e teria de dar-vos por muito tempo tais lições antes de terminar de pagar o preço das que de vós recebi.

Mesmo que este escrito não tenha outra utilidade que a de nos reaproximar algumas vezes e de renovar, em nosso afastamento, aquelas doces conversas que preencheram meus últimos dias e fizeram meus últimos prazeres, bastaria essa idéia para recompensar-me dos labores do resto de minha vida. Consolo-me de meus males pensando que ainda serei algo para vós quando não mais existir, que meus escritos tomarão meu lugar junto a vós, que experimentareis, ao relê-los, o prazer que encontráreis em conversar comigo, e que se eles não trouxerem a vosso espírito novas luzes, ao menos alimentarão, no fundo de vossa alma, a lembrança da mais terna amizade que jamais existiu.

Estas cartas não foram feitas para verem a luz do dia, e não preciso dizer-vos que jamais a verão sem vossa aprovação. Mas se as circunstâncias vos permitirem dá-la um dia, de quão bom grado a pureza do zelo que me liga a vós lhes daria a declaração pública. Vosso nome e o meu, mesmo sem aparecerem nesta obra, não escapariam talvez às suspeitas daqueles que nos conheceram; quanto a mim, sentir-me-ia antes orgulhoso que humilhado por essa revelação, e só obteria mais estima ao demonstrar a que tenho por vós. Quanto a vós, cara Sophie, ainda que não tenhais necessidade de meu sufrágio para serdes honrada, eu desejaria que a Terra inteira tivesse os olhos sobre vós, desejaria ver todo o mundo informado sobre o que espero das qualidades de vossa alma, a fim de transmitir-vos mais coragem e força para satisfazer essa expectativa aos olhos do público. Sabe-se que nunca esbanjei minha afeição e minha estima, sobretudo em relação às mulheres, por isso será ainda maior a curiosidade de examinar essa que reúne tão perfeitamente uma e outra. Passo-vos o fardo de minha glória, Sophie; justificai, se possível, a honra que recebi das pessoas de bem. Fazei com que se diga um dia ao vos ver e ao recordar-se de minha memória: Ah, esse homem amava a virtude e sabia julgar o mérito.

CARTA 2

O objetivo da vida humana é a felicidade do homem, mas quem de nós sabe como atingi-la? Sem um princípio, sem uma meta segura, vagamos de desejo em desejo, e os que conseguimos satisfazer deixam-nos tão longe da felicidade quanto estávamos antes de obter qualquer satisfação. Não temos uma regra invariável nem na razão, à qual faltam sustentáculo, apoio e consistência, nem nas paixões, que sem cessar se sucedem e se destroem mutuamente. Vítimas da cega inconstância de nossos corações, o gozo dos bens desejados só abre caminho para penas e privações; tudo o que possuímos só serve para nos mostrar o que nos falta, e, por não saber como se deve viver, morremos todos sem ter vivido. O único meio de ficarmos livre dessa dúvida terrível é estendê-la por um tempo além de seus limites naturais, desconfiar de todas as nossas inclinações, estudar a nós mesmos, levar ao fundo de nossa alma a chama da verdade, examinar por uma vez tudo o que pensamos, tudo em que acreditamos, tudo o que sentimos, e tudo o que devemos pensar, sentir e acreditar para sermos felizes na medida em que o permite a condição humana. Eis aí, minha encantadora amiga, o exame que hoje vos proponho.

Mas que vamos fazer, Sophie, senão aquilo que mil vezes já se fez? Todos os livros nos falam do bem soberano, todos os filósofos no-lo mostram, cada qual ensina aos outros a arte de ser feliz, ninguém a descobriu por si mesmo. Nesse imenso labirinto dos raciocínios humanos, aprendereis a falar da felicidade sem a conhecer, aprendereis a discursar mas não a viver, e vos perdereis nas sutilezas metafísicas. As perplexidades da filosofia vos assediaram de todos os lados, em toda parte deparareis com dúvidas e objeções, e, de tanto instruir-vos, acabareis por nada saber. Esse método exercita a falar de tudo, a brilhar em um círculo social; ele produz sábios, belos espíritos, oradores, debatedores, pessoas felizes na opinião de quem as escuta e infortunadas tão logo se acham sós. Não, minha cara jovem, o estudo que vos proponho não produz um saber ornamental para desfilar aos olhos dos outros, mas enche a alma de tudo o que faz a felicidade do homem; ele satisfaz, não os outros, mas a nós mesmos, e, em vez de palavras em nossa boca, põe sentimentos em nosso coração. Ao dedicarmos-nos a ele, damos mais confiança à voz da natureza que à da razão e, sem falarmos da sabedoria e da felicidade com tanta veemência, tornamo-nos sábios por

dentro e felizes por nós mesmos. Essa é filosofia na qual quero instruir-vos, é no silêncio de vosso gabinete que quero conversar convosco. Se sentirdes que tenho razão, pouco me interessará prová-lo; não vos ensinarei a resolver objeções, mas esforçar-me-ei para que não tenhais nenhuma a fazer-me; confio mais em vossa boa fé que em meus argumentos, e, sem me embaraçar com as regras da escolástica, chamarei apenas vosso coração em testemunho de tudo o que tenho a vos dizer.

Olhai este universo, querida amiga, correi os olhos sobre este teatro de enganos e misérias que nos faz, ao contemplá-lo, deplorar o triste destino do homem. Vivemos no clima e no século da filosofia e da razão. As luzes de todas as ciências parecem reunir-se simultaneamente para iluminar nossos olhos e guiar-nos neste obscuro labirinto da vida humana. Os mais belos gênios de todas as épocas reúnem suas lições para nos instruir, imensas bibliotecas são abertas ao público, multidões de colégios e universidades oferecem-nos desde a infância a experiência e a meditação de 4000 anos. A imortalidade, a glória, a própria riqueza e freqüentemente as honras são o prêmio dos mais dignos na arte de instruir e esclarecer os homens. Tudo concorre para aperfeiçoar nosso entendimento e para prodigalizar a cada um de nós tudo o que pode formar e cultivar sua razão. Mas tornamo-nos, por isso, melhores ou mais sábios, conhecemos melhor qual é o trajeto e qual será o término de nossa curta carreira, chegamos a um maior acordo sobre os deveres primordiais e sobre os verdadeiros bens da espécie humana? Que obtivemos com todo esse fútil saber senão querelas, ódios, incertezas e dúvidas? Cada seita é a única a ter encontrado a verdade, cada livro contém, apenas ele, os preceitos da sabedoria; cada autor é o único que nos ensina o que é bom. Um nos prova que não existem corpos, outro nos prova que não existem almas, outro que a alma não tem nenhuma relação com o corpo, outro que o homem é um animal, outro ainda que Deus é um espelho¹⁸. Não há nenhuma máxima, por mais absurda, que não tenha sido proposta por algum autor de reputação; nenhum axioma, por mais evidente, que não tenha sido combatido por algum deles; tudo está bem desde que

¹⁸ As referências seriam aqui respectivamente a Berkeley, Hobbes e os materialistas, Malebranche, Malpertuis, Leibniz.

seja dito de forma diferente da dos outros, e sempre se encontram razões para sustentar o que é novo de preferência ao que é verdadeiro.

Que admirem quanto quiserem a perfeição das artes, o número e a grandeza de suas descobertas, a extensão e a sublimidade do gênio humano; deveríamos felicitá-los por conhecerem toda a natureza exceto a si mesmos e por terem descoberto todas as artes exceto a de serem felizes? Mas nós somos felizes, exclamam eles tristemente: quantos recursos para o bem estar, que multidão de comodidades desconhecidas de nossos pais, quantos prazeres gozamos que eles ignoravam. É verdade: vós tendes a indolência mas eles tinham a felicidade, vós sois racionadores, eles eram razoáveis, vós sois polidos, eles eram humanos, todos vossos prazeres estão fora de vós, os deles estavam neles mesmos. E quanto não custam essas voluptuosidades cruéis que um pequeno número adquire às custas da multidão? O luxo das cidades leva ao campo a miséria, a fome, o desespero; se alguns homens são mais felizes, o gênero humano não é senão mais digno de lástima. Ao multiplicar as comodidades da vida para alguns ricos nada mais se faz que forçar a maior parte dos homens a se considerar miseráveis. Que felicidade bárbara é essa que só se sente às custas dos outros? Almas sensíveis, dizei-me, que é uma felicidade que se compra com dinheiro?

Dizem-nos ainda: os conhecimentos tornam os homens mais brandos, nosso século é menos cruel, derramamos menos sangue. Ah, infelizes, fazeis porventura derramar menos lágrimas? E quanto aos infortunados que se faz morrer de inanição durante toda uma vida, não prefeririam eles perdê-la de uma só vez sobre o cadafalso? Por serem mais brandos sois vós menos injustos, menos vingativos? É a virtude menos oprimida, o poder menos tirânico, o povo menos abatido; vê-se menos crimes, são os malfeitores mais raros, estão as prisões menos cheias? Que ganhastes, então, ao vos abrandar? Aos vícios que trazem a marca da coragem e do vigor substituístes aqueles próprios das pequenas almas. Vossa brandura é baixa e pusilânime, vós atormentais de forma oculta e protegida aqueles contra quem antes teríeis usado a força abertamente. Se sois menos sanguinários, isso não é virtude mas fraqueza; não é em vós senão um vício a mais.

A arte de raciocinar não é absolutamente o mesmo que a razão: freqüentemente é o seu abuso. A razão é a faculdade de ordenar todas as faculdades de nossa alma de forma

adequada à natureza das coisas e a suas relações conosco. O raciocínio é a arte de comparar as verdades conhecidas para compor a partir delas outras verdades que ignorávamos e que essa arte nos faz descobrir. Mas ele não nos ensina de modo algum a conhecer as verdades primitivas que servem de elementos às outras, e quando em seu lugar colocamos nossas opiniões, nossas paixões, nossos preconceitos, longe de nos esclarecer, ele nos torna cegos, não edifica a alma mas exaspera e corrompe o julgamento que deveria aperfeiçoar.

Na cadeia de raciocínios que servem para formar um sistema a mesma proposição reaparecerá uma centena de vezes com diferenças quase imperceptíveis que escaparão ao espírito do filósofo. Essas diferenças tantas vezes multiplicadas modificarão enfim a proposição a ponto de torná-la completamente diferente sem que ele se aperceba; ele dirá de uma coisa aquilo que acreditará estar provando de uma outra, e suas conclusões serão outros tantos erros. Esse inconveniente é inseparável do espírito sistemático, que é o único que conduz aos grandes princípios e consiste em generalizar sempre. Os inventores generalizam tanto quanto lhes é possível; esse método estende as descobertas, dá um ar de genialidade e força aos que o praticam, e como a natureza sempre age por meio de leis gerais, eles acreditam, ao estabelecer eles próprios seus princípios gerais, ter penetrado seus segredos. À força de estender e abstrair um pequeno fato, ele se transforma em uma regra universal; acredita-se ter remontado aos princípios, quer-se reunir em um único objeto mais idéias do que o entendimento humano é capaz de comparar, e afirma-se de uma infinidade de seres aquilo que muitas vezes é verdadeiro apenas de um deles. Os observadores, menos brilhantes e mais frios, vêm a seguir acrescentar incessantemente uma exceção após outra até que a proposição geral se torna tão particular que nada mais pode ser inferido dela, e as distinções e a experiência a reduzem ao fato singular da qual foi extraída. É assim que os sistemas se estabelecem e se destroem, sem desanimar os novos raciocinadores de erguer sobre suas ruínas outros que não durarão muito mais tempo.

Todos assim se extraviando por diversos caminhos, cada qual acredita ter chegado ao verdadeiro objetivo porque ninguém percebe o rastro de todas as voltas que efetuou. Que fará então aquele que busca sinceramente a verdade entre essas multidões de sábios que pretendem todos tê-la encontrado e se desmentem uns aos outros? Deve ele pesar todos os sistemas? Folhear todos os livros, escutar a todos os filósofos, comparar todas as seitas? Ousará ele decidir entre Epicuro e Zenão, entre Aristipe e Diógenes, entre Locke e

Shaftesbury? Ousará preferir as próprias luzes às de Pascal, e a própria razão à de Descartes? Ouça discorrer na Pérsia um mulá, na China um bonzo, na Tartária um lama, um brâmane na Índia, na Inglaterra um quacre, na Holanda um rabino, e ficareis espantada com o poder de persuasão que cada um deles sabe transmitir à sua absurda doutrina. Quantas pessoas tão sensatas quanto vós cada um deles já não convenceu? Se vos derdes ao trabalho de escutá-los, se rirdes de seus vãos argumentos, se vos recusardes a crê-los, não é a razão que resiste em vós aos preconceitos deles, são os vossos preconceitos.

A vida se escoaria dez vezes antes que se tivesse discutido a fundo uma só dessas opiniões. Um burguês de Paris zomba das objeções de Calvino que assustam um doutor da Sorbonne. Quanto mais nos aprofundamos, mais encontramos material para dúvidas, e, quer se oponha razões a razões, autoridades a autoridades ou opiniões a opiniões, quanto mais avançamos mais encontramos pontos questionáveis; quanto mais nos instruímos, menos sabemos, e ficamos muito espantados ao ver que, em vez de aprender o que ignorávamos, perdemos até a ciência que acreditávamos possuir.

CARTA 3

Não sabemos nada, minha querida Sophie, não vemos nada, somos um bando de cegos lançados ao léu neste vasto universo. Cada um de nós, sem perceber nenhum objeto, faz de todos uma imagem fantástica que toma a seguir como a regra do verdadeiro. E como essa idéia não se assemelha à de ninguém mais, nessa espantosa multidão de filósofos cuja tagarelice nos atordoia não há dois que concordem quanto ao sistema desse universo que todos pretendem conhecer, nem sobre a natureza das coisas que todos cuidam de explicar.

Por infelicidade, aquilo que menos conhecemos é justamente o que mais nos importaria conhecer, a saber, o próprio homem. Não vemos nem a alma de outrem, porque ela se esconde, nem a nossa própria, pois não temos nenhum espelho intelectual. Somos inteiramente cegos, mas cegos de nascença que sequer imaginam o que é a visão; e por não acreditar que nos falte alguma faculdade, queremos medir as extremidades do mundo embora nossas curtas luzes não cheguem, como nossas mãos, senão a dois pés de nós.

Se aprofundarmos essa imagem, veremos talvez que ela não é menos correta no sentido próprio que no figurado. Nossos sentidos são os instrumentos de todos os nossos conhecimentos. É deles que nos vêm todas as idéias, ou, pelo menos, todas são por eles ocasionadas. O entendimento humano, restrito e confinado em seu envoltório, não pode, por assim dizer, atravessar o corpo que o comprime, e só age por meio das sensações. Estas são, se se quiser, cinco janelas pelas quais nossa alma pretenderia receber a luz, mas as janelas são pequenas, os vidros embaçados, as paredes grossas e a casa muito mal iluminada. Nossos sentidos nos são dados para nos conservar, não para nos instruir, para nos informar sobre o que nos é útil ou prejudicial, e não sobre o que é verdadeiro ou falso; sua finalidade não é em absoluto a de serem empregados na investigação da natureza; quando lhes damos esse uso mostram-se insuficientes, enganam-nos, e nunca poderemos estar certos de chegar por meio deles à verdade.

Os erros de um sentido se corrigem por um outro; se tivéssemos apenas um deles ele nos enganaria para sempre. Dispomos, portanto, apenas de regras falíveis que se corrigem mutuamente. Se duas regras errôneas vierem a concordar entre si, elas nos enganarão por esse próprio acordo, e se nos falta uma terceira, que meio nos restaria para descobrir o erro?

A vista e o tato são os dois sentidos que mais nos servem para a investigação da verdade pois nos apresentam os objetos mais integralmente e em um estado de permanência mais próprio à observação do que quando esses mesmos objetos são apreendidos pelos três sentidos restantes. Os dois primeiros sentidos também parecem repartir entre si todo o espírito filosófico. A vista, que de um golpe de olhos mede todo o hemisfério, representa a vasta capacidade do gênio sistemático. O tato, lento e progressivo, que se assegura de um objeto antes de passar a um outro, assemelha-se ao espírito de observação. Um e outro têm igualmente os defeitos das faculdades que representam. Quanto mais o olho se fixa nos objetos distantes, mais se sujeita às ilusões de óptica, e a mão, sempre tocando alguma parte, é incapaz de abarcar uma grande totalidade.

É certo que a vista é, de todos os nossos sentidos, aquele de que recebemos ao mesmo tempo a maior quantidade de informações e a maior quantidade de erros; é por meio dela que julgamos quase toda a natureza e é ela que nos sugere quase todos os nossos juízos errôneos. Ouvistes certamente falar da famosa operação do cego de nascença: tendo

recebido a visão não de um santo mas de um cirurgião, foi-lhe preciso muito tempo para aprender a servir-se dela¹⁹. Segundo ele, tudo o que ele via estava dentro de seu olho, ao observar corpos desiguais afastados, não tinha a menor idéia nem dos tamanhos nem das distâncias, e mesmo quando começou a discernir os objetos ainda não conseguia distinguir entre um retrato e o original. Quanto à questão de se ele via os objetos invertidos, os pesquisadores esqueceram-se de verificá-la.

Apesar de toda a experiência adquirida, não há nenhum homem que não esteja sujeito a formular, com base na visão, falsos juízos sobre objetos que estão afastados, e a avaliar erroneamente as medidas dos que estão sob seus olhos; e o mais espantoso é que esses erros nem sempre são explicáveis pelas regras da perspectiva.

Mas se a vista nos engana tão freqüentemente e só o tato a corrige, o próprio tato nos engana em milhares de ocasiões. Quem nos garante que ele não nos engana sempre, e que não precisaríamos de um sexto sentido para corrigi-lo? A experiência da bolinha rolada entre dois dedos cruzados mostra que não somos menos escravos do hábito em nossos julgamentos que em nossas inclinações. O tato, que se orgulha de julgar tão bem as formas, não julga com exatidão nenhuma, e jamais nos informará se uma linha é reta, se uma superfície é plana, se um cubo é regular; tampouco é melhor seu julgamento dos graus de calor: a mesma gruta nos parece fresca no verão e quente no inverno, sem que sua temperatura tenha se modificado. Exponde a mão direita ao ar, a esquerda a um grande fogueira, depois mergulhai-as ao mesmo tempo em água morna: essa água parecerá quente à mão direita e fria à esquerda. Todos raciocinam sobre o peso, mas ninguém sente seu efeito mais geral que é a pressão do ar; quase não sentimos esse fluido que nos envolve, e acreditamos sustentar apenas o peso de nosso corpo quando na verdade carregamos o peso de toda a atmosfera. Se quiserdes experimentar um leve indício disso, estando ao banho, retirai lentamente o braço para fora da água em posição horizontal, e à medida que o ar pressiona o braço sentireis fatigar vossos músculos por essa pressão terrível, da qual não

¹⁹ A operação foi realizada por William Cheselden em 1728. Ela é discutida entre outros por Berkeley, em sua *Theory of Vision Vindicated* (1738)

teríeis talvez jamais suspeitado²⁰. Mil outras observações semelhantes nos ensinariam de quantas maneiras o mais seguro dos sentidos nos logra, seja dissimulando ou alterando efeitos que existem, seja supondo outros que não existem. Pouco adianta reunir a vista e o tato para julgar a extensão, que está no âmbito dos dois sentidos: não sabemos nem mesmo o que são o *grande* e o *pequeno*. O tamanho aparente dos objetos é relativo à estatura de quem os mede. O cascalho que um ácaro encontra em seu caminho parece-lhe ter a massa dos Alpes. Um pé para nós é uma toesa aos olhos do pigmeu, e uma polegada aos do gigante. Se assim não fosse, nossos sentidos seriam desproporcionais a nossas necessidades e não poderíamos subsistir. Em cada um de seus sentidos, cada qual toma a si mesmo como medida de todas as coisas. Onde está, então, a grandeza absoluta? Quem se engana, todos ou ninguém? Não é preciso dizer mais para fazer-vos entrever até que ponto se poderia levar as conseqüências destas reflexões. Toda a Geometria funda-se apenas na visão e no tato, e esses dois sentidos têm talvez a necessidade de serem corrigidos por outros que nos faltam; assim, aquilo que de mais bem demonstrado existe para nós é ainda suspeito, e não podemos saber se os *Elementos* de Euclides não são um emaranhado de erros.

*

Não é tanto o raciocínio que nos falta, mas um ponto de apoio para o raciocínio. O espírito do homem está em condições de fazer muita coisa, mas os sentidos lhe fornecem pouco material, e nossa alma ativa presa em seus liames prefere antes exercer-se sobre as quimeras que estão a seu alcance do que permanecer imóvel e ociosa. Não nos espantemos, portanto, ao ver a filosofia orgulhosa e vã perder-se em seus devaneios, e os mais belos gênios se consumirem em puerilidades. Com qual desconfiança devemos entregar-nos a nossas fracas luzes quando vemos o mais metódico dos filósofos, aquele que melhor estabeleceu seus princípios e mais conseqüentemente raciocinou, perder-se desde os primeiros passos e afundar-se de erro em erro em sistemas absurdos. Descartes, querendo cortar de um só golpe a raiz de todos os preconceitos, começou por pôr tudo em dúvida,

²⁰ Rousseau recapitula aqui os clássicos argumentos contra a veracidade dos sentidos conhecidas desde a Antigüidade. Suas afirmações sobre a pressão atmosférica são, contudo, confusas e incorretas. O que importa, entretanto, é o ponto conceitual estabelecido.

submeter tudo ao exame da razão. Partindo deste princípio único e incontestável: *penso, logo existo*, e avançando com as maiores precauções, acreditou que se dirigia à verdade, mas não encontrou senão mentiras. Com base nesse primeiro princípio, ele começou por examinar-se; depois, tendo encontrado em si propriedades muito distintas e que pareciam pertencer a duas diferentes substâncias, dedicou-se inicialmente a bem conhecê-las, e, deixando de lado tudo o que não estava clara e necessariamente contido na idéia dessas substâncias, definiu uma como a substância extensa e a outra como a substância que pensa. Essas definições são sábias à medida que deixam de um certo modo indecida a obscura questão das duas substâncias, e porque delas não se segue absolutamente que a extensão e o pensamento não pudessem se unir e penetrar em uma mesma substância. Ora, essas definições aparentemente incontestáveis foram destruídas em menos de uma geração. Newton fez ver que a essência da matéria não consiste absolutamente na extensão; Locke mostrou que a essência da alma não consiste absolutamente no pensamento. Adeus a toda a filosofia do sábio e metódico Descartes. Serão seus sucessores mais felizes, seus sistemas durarão mais? Não, Sophie, eles começam a oscilar, eles tombarão igualmente, eles são obra de homens.

Por que não podemos saber o que são o espírito e a matéria? Porque nada sabemos a não ser por nossos sentidos, e estes são insuficientes para no-lo ensinar. Tão logo pretendemos estender nossas faculdades, sentimos todas elas estrangidas por nossos órgãos; a própria razão, submetida aos sentidos, está, assim como eles, em contradição consigo mesma; a geometria está cheia de teoremas demonstrados que são impossíveis de conceber. Em filosofia, substância, alma, corpo, eternidade, movimento, liberdade, necessidade, contingência etc. são palavras que se é forçado a empregar a todo instante sem que ninguém jamais tenha conseguido entendê-las. A simples física não nos é menos obscura que a metafísica e a moral: o grande Newton, o intérprete do universo, nem mesmo suspeitava da existência dos prodígios da eletricidade, a qual parece ser o mais ativo princípio da natureza. E dentre as operações da natureza, a mais comum e mais fácil de observar, que é a multiplicação dos vegetais por seus germes, não é ainda conhecida, e descobre-se nesse

campo a cada dia fatos novos que abalam todos os raciocínios. O Plínio de nosso século²¹, querendo explicar o mistério da geração, viu-se forçado a recorrer a um princípio ininteligível e irreconciliável com as leis conhecidas da mecânica e do movimento; por mais que tentemos explicar tudo, por toda parte encontramos dificuldades inexplicáveis que nos mostram que não temos nenhuma idéia segura de nada.

Pudestes ver na estátua de Condillac²² quais graus de conhecimento pertenceriam a cada sentido se nos fossem dados separadamente, e os raciocínios bizarros que fariam sobre a natureza das coisas os seres dotados de menos órgãos que nós. Em vossa opinião, que diriam de nós, por sua vez, seres dotados de outros sentidos desconhecidos? Como provar que tais sentidos não podem existir e que não iluminariam as trevas que os nossos não podem dissipar? Não há nada estabelecido sobre o número de sentidos necessários para dar sentimento e vida a um ser corporal e organizado. Consideremos os animais: muitos têm menos sentidos que nós, por que outros não teriam mais? Por que não teriam eles alguns que desconheceremos para sempre porque não apresentam nada pelo qual os nossos pudessem apreendê-los, e pelos quais se explicaria o que nos parece inexplicável em muitas ações dos animais? Os peixes não ouvem, nem os pássaros nem os peixes têm olfato, nem os caracóis nem os vermes têm olhos, e o tato parece ser o único sentido da ostra, mas quantos animais não mostram precauções, providências e estratagemas impensáveis, que seria melhor talvez atribuir a algum órgão estranho ao homem que ao instinto, essa palavra ininteligível? Que orgulho pueril regular as faculdades de todos os seres pelas nossas, quando tudo desmente a nossos próprios olhos esse ridículo preconceito. Como nos assegurar de que não somos, dentre todos os seres racionais que os mundos podem conter, os menos favorecidos pela natureza, os menos providos de órgãos próprios ao conhecimento da verdade, e que não é a essa insuficiência que devemos a incompreensão que nos detém a todo instante frente a mil verdades demonstradas?

²¹ Buffon, George Louis Leclerc, Conde de (1707-1788), autor da imensa e muito influente *Histoire naturelle générale et particulière*, em 36 volumes (1749-1804)

²² *Traité des sensations*, 1754.

Com tão poucos meios para observar a matéria e os seres sensíveis, como podemos esperar sermos capazes de julgar sobre a alma e os seres espirituais? Suponhamos que estes existam realmente, se ignoramos o que é um corpo, como saberemos o que é um espírito? Vemo-nos rodeados de corpos sem almas, mas quem de nós alguma vez percebeu uma alma sem corpo ou pode ter a mínima idéia de uma substância puramente espiritual? Que podemos dizer da alma, da qual não conhecemos nada exceto o que atua pelos sentidos? Como sabemos que ela não tem uma infinidade de outras faculdades que apenas aguardam, para se desenvolver, uma organização conveniente ou o retorno da liberdade? Chegam nossas luzes até nós de fora para dentro pelos sentidos, como pensam os materialistas, ou escapam de dentro para fora, como pretendia Platão? Se a luz entra na casa pelas janelas, então os sentidos são a sede do entendimento. Ao contrário, se a casa está interiormente iluminada, ainda que fechásseis tudo a luz não cessaria de existir, embora retida; mas quanto mais janelas abrides mais sairá a claridade e mais fácil vos será distinguir os objetos circundantes. É portanto uma questão bem pueril perguntar como uma alma pode ver, ouvir e tocar, sem mãos, sem olhos e sem orelhas; seria o mesmo que um coxo perguntar como é possível andar sem muletas. Muito mais filosófico seria perguntar como, dispondo de mãos olhos e orelhas, uma alma pode ver, ouvir e tocar; pois a maneira pela qual a alma e o corpo agem um sobre outro sempre foi o desespero da metafísica, e atribuir sensações à pura matéria é ainda mais embaraçoso.

Quem sabe se não há espíritos de diferentes graus de perfeições, cada um tendo recebido da natureza corpos organizados segundo as faculdades de que são suscetíveis, desde a ostra até nós sobre a Terra, e, para além de nós, talvez, até as espécies mais sublimes nos diversos mundos? Quem sabe se o que distingue o homem do animal não é simplesmente o fato de que a alma deste tem apenas tantas faculdades quantas são as sensações de seu corpo, ao passo que a alma humana, comprimida em um corpo que constrange a maior parte de suas faculdades, quer a todo instante forçar sua prisão, e acrescenta uma audácia quase divina à fraqueza da humanidade? Não é assim que os grandes gênios, espanto e honra de sua espécie, franqueiam de algum modo as barreiras dos sentidos, lançam-se às regiões celestes e intelectuais, e se elevam tanto acima do homem vulgar quanto a natureza eleva este último acima dos animais? Por que não imaginaríamos o vasto seio do universo pleno de uma infinidade de espíritos de mil ordens diferentes, eternos admiradores do jogo

da natureza e espectadores inevitáveis das ações dos homens? Ó, minha Sophie, como é doce pensar que assistiam algumas vezes nossas mais encantadoras conversas, e que um murmúrio de aplauso se elevava entre essas puras inteligências ao ver dois ternos e honestos amigos fazerem sacrifícios à virtude na confiança de seus corações.

Admito que estas não sejam senão conjeturas sem probabilidade, mas basta-me que não se possa refutá-las para deduzir delas as dúvidas que quero estabelecer. Onde estamos? Que vemos, que sabemos, o que existe? Corremos apenas atrás de sombras que nos escapam. Alguns espectros ligeiros, alguns fantasmas vazios esvoaçam diante de nossos olhos e cremos ver a eterna cadeia dos seres. Não conhecemos nenhuma substância no universo, não estamos nem mesmo seguros de ver sua superfície, e queremos sondar o abismo da natureza! Deixemos esse trabalho tão pueril às crianças chamadas filósofos. Após ter percorrido o círculo estreito de sua fútil sabedoria, é preciso terminar onde Descartes começara. *Penso, logo existo*. Eis tudo o que sabemos.

CARTA 4

Quanto mais o homem se observa, mais ele se vê pequeno. Mas a lente que diminui é feita apenas para bons olhos. Não é um estranho orgulho, minha querida Sophie, esse que se obtém ao sentir toda a própria miséria? E isso, no entanto, é tudo o que se pode obter da sã filosofia. Por mim, prefiro perdoar cem vezes ao falso sábio que se vangloria de seu suposto saber que ao sábio verdadeiro orgulhoso de sua ignorância. Se um tolo se alça como um semideus, sua loucura é ao menos conseqüente; mas crer-se um inseto e rastejar altivamente pelo solo é, a meu ver, o cúmulo do absurdo. Qual é, então, a primeira lição da sabedoria. Sophie? A humildade! A humildade da qual o cristão fala e que o homem conhece tão pouco é o primeiro sentimento que o estudo de nós mesmos deve fazer nascer em nós. Sejamos humildes quanto à nossa espécie para podermos nos orgulhar de nosso indivíduo. Não digamos jamais em nossa tola vaidade que o homem é o rei do mundo, que o Sol, os astros, o firmamento, o ar, a terra, o mar foram feitos para ele, que os vegetais germinam para sua subsistência, que os animais existem para que ele os devore. Com essa forma de raciocinar, essa devoradora sede de felicidade, de excelência e de perfeição, por

que cada um não acreditaria que o restante do gênero humano foi criado para servi-lo, e não se consideraria pessoalmente como o único objetivo de todas as obras da natureza? Se tantos seres são úteis à nossa conservação, estamos seguros de sermos menos úteis à deles? Que prova isso senão nossa fraqueza, e como podemos saber melhor o destino deles que o nosso? Se estivéssemos privados da visão, como poderíamos descobrir que existem pássaros, peixes, e insetos quase imperceptíveis ao tato? Muitos desses insetos, por sua vez, parecem não ter nenhuma idéia de nós. Por que então não existiriam outras espécies mais excelentes, das quais jamais nos aperceberemos por falta de sentidos apropriados para descobri-las, e para as quais somos talvez tão desprezíveis quanto as minhocas a nossos olhos? Mas é suficiente despojar o homem envaidecido dos dons que não possui; restam-lhe muitos outros para alimentar uma altivez mais digna e mais legítima. Se a razão o esmaga e avilta, o sentimento interior o eleva e dignifica; a homenagem involuntária que o mau presta secretamente ao justo é o verdadeiro título de nobreza que a natureza gravou no coração do homem.

Não sentistes alguma vez a secreta inquietude que nos atormenta à vista de nossa miséria e que se indigna com nossas fraquezas como um ultraje às faculdades que nos elevam? Já não experimentastes esses transportes involuntários que algumas vezes se apoderam de uma alma sensível à contemplação do belo moral e da ordem intelectual das coisas, esse ardor insaciável que vem subitamente inflamar o coração com o amor das virtudes celestiais, esses sublimes desvarios que nos elevam acima de nosso ser e nos transportam ao empíreo, ao lado do próprio Deus? Ah, se esse fogo sagrado pudesse durar, se esse nobre delírio animasse nossa vida inteira, que ações heróicas amedrontariam nossa coragem, que vícios ousariam aproximar-se de nós, que vitórias não obteríamos sobre nós mesmos, e que haveria de tão grande que não pudéssemos obter por nossos esforços? Minha digna amiga, o princípio dessa força está em nós, ela se mostra por um momento para nos estimular a buscá-la sem cessar, esse sagrado entusiasmo é a energia de nossas faculdades que se desembaraçam de seus liames terrestres e que talvez não caiba senão a nós manter permanentemente nesse estado de liberdade. Seja como for, ouvimos ao menos em nós mesmos uma voz que nos proíbe de nos desprezarmos; a razão rasteja mas a alma se eleva; se somos pequenos por nossas luzes, somos grandes por nossos sentimentos, e seja qual for

nossa posição no sistema do universo, um ser amante da justiça e sensível às virtudes não é de modo algum desprezível por sua natureza.

Nada mais tenho a vos demonstrar, Sophie; se estivéssemos pretendendo apenas filosofar, deter-me-ia neste ponto e, sentindo-me bloqueado de todos os lados pelos limites de minhas luzes, terminaria de instruir-vos antes de ter começado. Mas já vos disse que meu intento não é raciocinar convosco, e é do fundo de vosso coração que quero extrair os únicos argumentos que devem convencer-vos. Que eu vos diga, então, o que se passa no meu, e se experimentais a mesma coisa, os mesmos princípios devem convir a nós dois, a mesma rota deve nos conduzir na busca da verdadeira felicidade.

No espaço de uma vida bastante curta, passei por grandes vicissitudes; sem sair de minha pobreza pude, por assim dizer, experimentar todos os estados; o bem-estar e o mal-estar foram sentidos por mim de todas as maneiras. A natureza deu-me a mais sensível das almas, a sorte a submeteu a todas as afecções imagináveis, e creio poder dizer, com um personagem de Terêncio, que nada de humano me é estranho.

Em todas essas diversas situações, sempre me senti afetado de duas maneiras diferentes e algumas vezes contrárias; uma proveniente do estado de minha fortuna e outra do de minha alma, de sorte que ora um sentimento de felicidade e paz consolava-me em minhas desgraças, ora um mal-estar importuno perturbava-me durante a prosperidade.

Essas disposições interiores, independentes da fortuna e dos acontecimentos, produziram em mim uma impressão ainda mais viva pelo fato de minha inclinação para a vida solitária e meditativa dar-lhes a oportunidade de melhor se desenvolverem. Sentia em mim, por assim dizer, o contrapeso de meu destino; ia consolar-me de minhas penas na mesma solidão em que vertia lágrimas quando estava feliz. Buscando a origem dessa força oculta que equilibrava assim o domínio de minhas paixões, descobri que provinha de um juízo secreto que eu fazia inconscientemente sobre as ações de minha vida e sobre os objetos de meus desejos. Meus males me atormentavam menos quando eu pensava que não eram minha obra, e meus prazeres perdiam toda sua gratificação quando eu observava friamente em que os fazia consistir. Acreditei perceber em mim um gérmen de bondade que me compensava da má sina, e um gérmen de grandeza que me elevava acima da boa fortuna; vi que é fútil buscarmos longe de nós a felicidade quando negligenciamos seu cultivo em nós

mesmos, pois mesmo que recebamos de fora, ela só se faz sentir quando encontra em nosso interior uma alma própria a experimentá-la.

Este princípio de que vos falo serve-me não apenas para dirigir minhas ações presentes de acordo com a regra que ele prescreve, mas também para avaliar corretamente minha conduta passada, censurando-a muitas vezes apesar de aparentemente boa, aprovando-a outras vezes embora condenada pelos homens, e recordando os acontecimentos de minha juventude apenas como uma memória local das diversas afecções que ocasionaram em mim.

À medida que me aproximo do fim de meu caminho, sinto atenuarem-se todos os impulsos que por tanto tempo mantiveram-me sob o jugo das paixões. Após ter esgotado tudo o que pode experimentar de bom e mau um ser sensível, perco pouco a pouco a perspectiva e a expectativa de um futuro que não tem mais com que me seduzir. Os desejos se extinguem com a esperança, minha existência está toda em minha memória, não vivo senão de minha vida passada, e sua duração deixa de interessar-me depois que meu coração nada mais tem de novo a sentir.

Nesse estado, é natural que me agrade voltar os olhos para o passado do qual retiro doravante todo o meu ser; é então que meus erros se corrigem e que o bem e o mal se apresentam a mim sem mistura e sem preconceitos.

Todos os falsos julgamentos a que as paixões me levaram se desvanecem com elas. Vejo os objetos que mais me afetaram não como me apareceram durante meu delírio, mas tal como realmente são. A lembrança de minhas boas ou más ações produz-me um bem-estar ou um mal-estar duradouro mais real que o que foi objeto delas; assim, os prazeres de um momento freqüentemente me prepararam longos arrependimentos; assim os sacrifícios feitos à honestidade e à justiça compensam-me todos os dias do que me custaram uma só vez, e, em troca das curtas privações, dão-me eternas satisfações.

A quem posso falar melhor dos encantos dessas lembranças que àquela que tão bem me faz ainda saboreá-las? É a vós, Sophie, que cabe tornar-me cara a memória de meus últimos descaminhos pela memória das virtudes que me restabeleceram. Fizestes-me enrubescer demasiadas vezes por meus erros para que eu possa hoje enrubescer mais uma vez por eles, e não sei o que me torna mais orgulhoso, se as vitórias conquistadas sobre mim mesmo ou

o auxílio que me fez alcançá-las. Se eu só tivesse dado ouvidos a uma paixão criminosa, se tivesse sido vil por um instante e vos encontrasse fraca, como pagaria caro hoje os transportes que me teriam parecido tão doces; privados de todos os sentimentos que nos haviam unido, teríamos rompido. A vergonha e o arrependimento teriam nos tornado detestáveis um ao outro; eu vos odiaria por haver-vos amado em demasia; e qual embriaguez de volúpia poderia ser capaz de compensar meu coração por uma afeição tão pura e tão terna? Em vez desse afastamento funesto, nada recordo de vós que não me torne mais satisfeito comigo mesmo e que não acresça à amizade que me inspirastes a honra, o respeito e o reconhecimento de me haver conservado digno de vos amar. Como poderia pensar sem prazer naqueles momentos que só me foram dolorosos por pouparem-me dores eternas? Como não gozaria hoje do encanto de ter escutado de vossa boca tudo o que pode elevar a alma e recompensar a união dos corações? Ah, Sophie, que teria sido de mim se a vosso lado eu tivesse sido insensível a tudo o que havia angariado vossa estima e tivesse revelado no amigo que escolhestes um infeliz que deveríeis desprezar?

É tudo o que há de mais tocante na imagem da virtude que pusestes diante de meus olhos, é o temor de enlamear tão tardiamente uma vida irrepreensível, de pôr a perder em um instante o prêmio de tantos sacrifícios; é o depósito sagrado da amizade que eu devia respeitar, é de tudo o que a fé, a honra, a probidade têm de mais inviolável que se formou a invencível barreira que opúnheis sem cessar a todos os meus desejos. Não, Sophie, não há um único dia em que vossos discursos não voltem a emocionar meu coração e arrancar-me deliciosas lágrimas. Todos os meus sentimentos por vós se embelezam com aquele que os sobrepujou. Eles fazem a glória e a doçura de minha vida, é a vós que devo tudo isso, é por meio de vós, pelo menos, que sinto essa recompensa. Minha cara e digna amiga, eu buscava o arrependimento e fizestes-me encontrar a felicidade.

Esse é o estado de uma alma que, ousando propor-se a vós como exemplo, não vos oferece com isso nada além do fruto de vossa dedicação. Se essa voz interior que me julga em segredo e se faz ouvir incessantemente a meu coração fizer-se também ouvir ao vosso, aprendei a escutá-la e a segui-la, aprendei a tirar de vós mesma vossos primeiros bens; esses são os únicos que não dependem da fortuna e podem suprir os demais. Eis toda minha filosofia e, creio, toda arte de ser feliz possível para o homem.

CARTA 5

Toda a moralidade da vida humana está na intenção do homem. Se o bem é verdadeiramente um bem, ele deve sê-lo no fundo de nosso coração, tanto quanto em nossas obras, e a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos. Se a bondade moral estiver em conformidade com nossa natureza, o homem não poderá ser são nem estar bem constituído senão na medida em que for bom. Se não houver essa conformidade e o homem for naturalmente mau, não poderá deixar de sê-lo sem se corromper. Nesse caso, a bondade seria nele apenas um vício contra a natureza: feito para causar dano a seus semelhantes, como o lobo para degolar sua presa, um homem humano seria um animal tão pervertido quanto um lobo piedoso, e a virtude nada nos deixaria senão remorsos.

Acreditáreis que existe no mundo uma questão mais fácil de resolver? Bastaria apenas entrarmos em nós mesmos e examinar, deixando de lado todo interesse pessoal, em que direção nos conduzem nossas inclinações naturais. Qual é o espetáculo que mais nos seduz: o dos tormentos ou o da felicidade de outrem? Qual é a ação mais agradável de realizar, e que nos deixa uma melhor impressão após ter sido feita: um ato de beneficência ou um ato de maldade? Por quem vos interessais em vossos teatros: é nos crimes que encontrais prazer, é pelos criminosos punidos que verteis lágrimas? Entre o herói infeliz e o tirano triunfante, de qual dos dois aproximam-vos sem cessar vossos desejos secretos, e quem de vós, forçado a escolher, não preferiria ser antes o bom que sofre que o mau que prospera, tanto o horror de fazer o mal sobrepuja naturalmente em nós o horror de suportá-lo?

Quando vemos na rua ou no caminho algum ato de violência ou de injustiça, no mesmo instante um movimento de cólera e indignação se eleva do fundo do coração e nos leva a tomar a defesa do oprimido, mas um dever mais poderoso nos contém, e as leis nos privam do direito de proteger a inocência.

Ao contrário, se algum ato de clemência ou generosidade chega a nossos olhos, que admiração, que amor ele nos inspira! Quem não diz a si mesmo: gostaria de ter agido da mesma forma? Mesmo as almas mais corrompidas não conseguiriam perder completamente essa primeira inclinação: o ladrão que despoja os passantes cobre entretanto a nudez do

pobre, não há assassino feroz que não sustente um homem que cai desfalecido, e os próprios malfeitores ao fazerem seus conluios apertam as mãos, dão sua palavra e a respeitam. Homem perverso, por mais que faças, não vejo em ti senão um malfeitor inconseqüente e desajeitado, pois a natureza não te fez para ser assim.

Fala-se do clamor dos remorsos que pune secretamente os crimes escondidos e tantas vezes os faz surgir à vista. Ai de nós, quem nunca ouviu essa voz importuna? Fala-se por experiência e desejar-se-ia apagar esse sentimento involuntário que tantos tormentos nos traz. Mas obedeçamos à natureza: sabemos com que ternura ela aprova o que ordenou, e que encanto se encontra no gozo da paz interior de uma alma contente consigo mesma. Diante de si próprio o malfeitor sente temor e quer fugir, e se alegra quando escapa para fora de si mesmo; ele lança ao seu redor os olhos inquietos e busca um objeto que o faça rir; sem a caçoada insultuosa ele seria sempre triste. Ao contrário, a serenidade do justo é interior, seu riso não é de maldade mas de alegria, cuja fonte ele traz em si mesmo. Sozinho ele está tão alegre como no meio de um círculo, e esse contentamento inalterável que nele se vê reinar não é retirado dos que se aproximam, mas lhes é comunicado.

Lançai os olhos sobre todas as nações do mundo, percorrei todas as histórias; entre tantos cultos inumanos e bizarros, em meio a essa prodigiosa diversidade de costumes e de caracteres, encontrareis por toda a parte as mesmas idéias de justiça e de honestidade, os mesmos princípios de moral, as mesmas noções do bem e do mal. O paganismo da Antigüidade criou deuses abomináveis, que teriam sido punidos cá embaixo como celerados, e que não oferecem como imagem da suprema felicidade senão crimes a cometer e paixões a contentar. Mas foi em vão que o vício revestido de uma autoridade sacra desceu de sua morada eterna: a natureza o expulsou do coração dos humanos. Celebrava-se a libertinagem de Júpiter, mas admirava-se a temperança de Xenócrates; a casta Lucrecia adorava a despudorada Vênus, o romano intrépido sacrificava ao medo, o grande Catão foi considerado mais justo que a providência. A voz imortal da virtude, mais forte que a dos próprios deuses, fazia-se respeitar sobre a Terra, e parecia relegar ao Céu o crime juntamente com os culpados.

Há, portanto, no fundo de todas as almas, um princípio inato de justiça e de verdade moral anterior a todos os preconceitos nacionais, a todas as máximas de educação. Esse

princípio é a regra involuntária pela qual, apesar de nossas máximas pessoais, julgamos nossas ações e as de outros como boas ou más, e é a esse princípio que dou o nome de consciência.

Mas contra essa palavra ouço elevar-se de todas as partes a voz dos filósofos: erros infantis, preconceitos da educação, exclamam todos eles, como de comum acordo. Nada há no entendimento humano que não tenha se introduzido pela experiência, e não julgamos sobre coisa alguma senão com base em idéias adquiridas. Fazem ainda mais: ousam rejeitar esse acordo evidente e universal de todas as nações, e, contra essa manifesta uniformidade do julgamento dos homens, vão buscar nas trevas algum exemplo obscuro que só eles conhecem, como se todas as inclinações da natureza se aniquilassem pela depravação de alguns indivíduos, e bastasse a existência de alguns monstros para que a espécie humana não fosse mais nada. Mas de que servem ao céptico Montaigne os tormentos que se impõe para desenterrar em um canto do mundo um costume oposto às noções de justiça? De que lhe serve dar ao mais desprezível e suspeito viajante uma autoridade que ele recusa aos autores mais respeitáveis? Será que alguns costumes incertos e bizarros fundados em causas particulares que nos são desconhecidas bastariam para destruir a indução geral obtida da concordância de povos que se opõem em todo o restante mas estão de acordo quanto a este único ponto? Ó Montaigne, tu que te orgulhas da franqueza e veracidade, sê sincero e veraz, se é que um filósofo pode sê-lo, e dize-me se há algum lugar sobre a Terra onde seja um crime manter sua palavra, ser clemente, benfeitor e generoso, onde o homem de bem seja desprezível e o celerado receba honras.

Não tenho a intenção de entrar aqui em discussões metafísicas que não levam a nada. Já vos disse que não queria disputar com filósofos, mas falar a vosso coração. Mesmo que todos os filósofos do mundo provassem que estou errado, se sentirdes que tenho razão, nada mais me é necessário. Para tanto não é preciso senão fazer-vos distinguir nossas percepções adquiridas de nossos sentimentos naturais; pois necessariamente sentimos antes de conhecer, e como não aprendemos a querer nosso bem pessoal e a fugir do que nos faz mal, mas recebemos essa vontade da natureza, do mesmo modo o amor ao que é bom e o ódio ao que é mau são-nos tão naturais quanto nossa própria existência. Assim, por mais que as idéias nos venham de fora, os sentimentos que as avaliam estão em nosso interior, e é

apenas por meio deles que conhecemos a conveniência ou inconveniência que existe entre nós e as coisas que devemos procurar ou evitar.

Para nós, existir é sentir, e nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa própria razão. Qualquer que seja a causa de nossa existência, ela proveu a nossa conservação ao dar-nos sentimentos conformes à nossa natureza, e não se poderia negar que ao menos esses são inatos. Esses sentimentos, em relação ao indivíduo, são o amor a si mesmo, o medo da dor e da morte, e o desejo do bem-estar. Mas se, como não se pode duvidar, o homem é um animal sociável por sua natureza, ou, pelo menos, feito para tornar-se tal, ele não pode sê-lo senão por meio de outros sentimentos inatos relativos a sua espécie. E é do sistema moral formado por essa dupla relação a si mesmo e a seus semelhantes que nasce o impulso natural da consciência.

Não penseis portanto, Sophie, que seja impossível explicar pelas conseqüências de nossa natureza o princípio ativo da consciência, independente da própria razão. E ainda que isso fosse impossível, não seria necessário. Pois os filósofos que combatem esse princípio não provam absolutamente que ele não existe, mas contentam-se em afirmar isso. Assim, quando nós afirmamos que ele existe, estamos tão avançados quanto eles, e contamos adicionalmente com toda a força do testemunho interior.

Querida amiga, como merecem piedade esses tristes raciocinadores. Ao apagar em si os sentimentos da natureza, destroem a fonte de todos os seus prazeres, e não sabem livrar-se do peso da consciência senão tornando-se insensíveis a ela. Não é um sistema bem desajeitado esse que não sabe retirar o remorso da voluptuosidade senão sufocando um e outro ao mesmo tempo? Se a palavra dos amantes não é senão uma quimera, se o pudor do sexo consiste em preconceitos vazios, que sucederia com todos os encantos do amor? Se não vemos no universo senão matéria em movimento, onde estariam então os bens morais pelos quais nossa alma incessantemente anseia, e qual será o valor da vida humana se não gozamos dela senão para vegetar?

Retorno a esse sentimento de pudor tão encantador que é tão doce vencer, e talvez ainda mais doce respeitar, que combate e inflama os desejos de um amante e traz tantos prazeres a seu coração em troca dos que recusa a seus sentidos. Por que rejeitaríamos a reprovação interior que vela com uma modéstia impenetrável os desejos secretos de uma jovem pudica

e cobre suas faces de um maravilhoso rubor diante das ternas palavras de um amante querido? O ataque e a defesa não são, então, leis da natureza? Não é ela que permite a resistência ao sexo que pode ceder tanto quanto quiser? Não é ela que prescreve a perseguição àquele que busca tornar discreto e moderado? Não é ela que os entrega durante seus prazeres à guarda da vergonha e do mistério, em um estado de fraqueza e abandono de si mesmos que os deixa à mercê de qualquer agressor? Percebeis, então, como é falso dizer que o pudor não tem uma razão suficiente e não é senão uma quimera na natureza? E como poderia ser ele obra de preconceitos se são os próprios preconceitos da educação que o destroem, se vós o contemplais em toda sua força entre os povos ignorantes e rústicos, e se sua doce voz não se sufoca nas nações mais cultivadas senão à força de sofismas do raciocínio?

Se os primeiros clarões do julgamento nos ofuscam e confundem a princípio todos os objetos em nosso olhar, esperemos que nossos débeis olhos se reabram, se fortaleçam, e logo veremos novamente esses mesmos objetos à luz da razão tal como no-los mostrava de início a natureza. Ou, antes, sejamos mais simples e menos vãos. Limitemo-nos em tudo aos primeiros sentimentos que encontramos em nós mesmos, porque é sempre a eles que o estudo nos reconduz, quando não nos desencaminha.

*

Consciência, consciência, instinto divino, voz imortal e celeste, guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre, juiz infalível do bem e do mal, sublime emanção da substância eterna, que torna o homem semelhante aos deuses; és tu apenas que perfazes a excelência de minha natureza.

Sem ti não sinto nada em mim que me eleve acima dos animais, a não ser o triste privilégio de me perder de erro em erro com a ajuda de um entendimento sem regra e uma razão sem princípio.

Esforçai-vos para fazer as coisas que amais ver feitas por outros.

CARTA 6

Temos enfim um guia seguro nesse labirinto dos erros humanos, mas não basta que ele exista, é preciso saber conhecê-lo e segui-lo. Se ele fala a todos os corações, Sophie, por que então há tão poucos que o ouvem? Ai de nós, ele nos fala na linguagem da natureza, e tudo nos fez esquecer dela.

A consciência é tímida e medrosa, ela busca a solidão, o mundo e os ruídos a espantam, os preconceitos dos quais se disse que ela deriva são seus mais mortais inimigos, ela foge ou se cala diante deles, cuja voz barulhenta sufoca a sua e a impede de ser ouvida. De tanto ser rejeitada ela por fim desanima, não nos fala mais, não nos responde mais, e, depois de tanto tempo desprezada, é tão difícil chamá-la de volta quanto foi difícil bani-la.

Quando vejo cada um de nós, incessantemente ocupado com a opinião pública, estender sua existência a seu redor sem guardar quase nada dela em seu próprio coração, penso em um pequeno inseto formando de sua substância uma grande teia que é a única coisa que parece torná-lo sensível enquanto jaz como morto em seu buraco. A vaidade do homem é a teia de aranha que ele estende sobre tudo que o cerca, tão sólida uma quanto a outra. O menor fio que se toca põe o inseto em movimento; ele morreria de apatia se lhe deixassem a teia tranqüila; e, se a desfazem com um dedo, prefere consumir-se de exaustão a não refazê-la imediatamente. Comecemos por voltar a ser nós mesmos, concentrar-nos em nós, circunscrever nossa alma aos limites que a natureza impôs a nosso ser; comecemos, em suma, por nos reunificar no lugar em que estamos para que, ao buscarmos nos conhecer, tudo o que nos compõe se mostre a nós de uma só vez. Quanto a mim, penso que aquele que melhor sabe em que consiste o eu humano é o que está mais próximo da sabedoria, e, assim como o primeiro esboço de um desenho compõe-se das linhas que o delimitam, a primeira idéia do homem é a de separá-lo do que não é ele mesmo.

Mas como se faz essa separação? Essa arte não é tão difícil como se poderia pensar, ou, pelo menos, a dificuldade não está onde se julga. Ela depende mais da vontade que das luzes, e não é preciso um aparato de estudos e de pesquisas para chegar a ela. A luz nos ilumina e o espelho está à nossa frente, mas para vê-lo é preciso dirigir-lhe os olhos, e o meio de fixá-los nele é descartar os objetos que nos rodeiam. Recolhei-vos, procurai a

solidão, eis inicialmente todo o segredo, e por meio desse logo se descobrem os outros. Pensais que a filosofia nos ensina a entrar em nós mesmos? Ah, quanto o orgulho, em seu nome, disso nos afasta. É exatamente o contrário, minha encantadora amiga: é preciso começar por entrar em si mesmo para aprender a filosofar.

Não vos alarmeis, eu vos peço. Não tenho a intenção de vos enviar a um claustro e impor a uma mulher da sociedade uma vida de anacoreta. A solidão de que se trata é menos fazer fechar vossa porta e permanecer em vossos aposentos que tirar vossa alma do burburinho, como dizia o abade Terrasson, e de impedir a entrada das paixões exteriores que a assaltam a cada instante. Mas um desses meios pode auxiliar o outro, sobretudo no início; não se aprende em um dia a estar só no meio da sociedade, e depois do longo hábito de projetar a existência em tudo o que vos cerca, o recolhimento de vosso coração deve principiar pelo de vossos sentidos. Já tereis, no começo, muito trabalho para conter vossa imaginação, sem que estejais adicionalmente obrigada a cerrar vossos olhos e ouvidos. Afastai os objetos que podem vos distrair até que sua presença não vos distraia mais. E então, vivei sem cessar em meio a eles; sabereis bem quando vos será preciso encontrar-vos com vós mesma. Não vos digo: abandonai a sociedade, não vos digo nem mesmo: renunciái à dissipação e aos fúteis prazeres do mundo. Mas eu vos digo: aprendei a ficar só sem entediar-vos. Sem isso não ouvireis jamais a voz da natureza, nem jamais conhecereis a vós mesma. Não temais que a prática desses curtos retiros vos torne taciturna e selvagem, e vos aparte dos hábitos aos quais não quereríeis renunciar. Estes, ao contrário, ser-vos-ão ainda mais doces.

Quando se vive só ama-se mais os homens, um terno interesse deles nos aproxima. A imaginação nos representa a sociedade por seus encantos, e o próprio tédio da solidão reverte em benefício da humanidade. Ganhareis duplamente pelo gosto dessa vida contemplativa: encontrareis nela mais afeição pelo que vos é caro enquanto o tiverdes, e menos dor ao perdê-lo quando dele estiverdes privada.

Planejai todos os meses, por exemplo, um intervalo de dois ou três dias em vossos prazeres e em vossos negócios para consagrá-los ao maior de todos. Estipulai para vós a regra de passar sozinha esses dois ou três dias, mesmo que de início isso vos entedie bastante. É melhor passá-los no campo que em Paris; essa seria, se quiserdes, uma visita que faríeis: vós iríeis ver Sophie. A solidão é sempre triste na cidade. Como tudo o que nos

cerca mostra a mão dos homens e algum propósito da sociedade, quando não há essa sociedade sentimo-nos fora de nosso lugar, e estar só em um quarto assemelha-se a estar em uma prisão. No campo ocorre exatamente o contrário: lá, os objetos são risonhos e agradáveis, estimulam o recolhimento e o devaneio, sentimo-nos desembaraçados fora das tristes paredes da cidade e dos entraves das opiniões formadas. Os bosques, os regatos, a vegetação afastam de nosso coração as preocupações humanas; os pássaros voando para lá e para cá a seu bel-prazer oferecem-nos na solidão o exemplo da liberdade, ouve-se seu canto, sente-se o odor dos campos e das árvores. Os olhos, recebendo apenas doces imagens da natureza, aproximam-na mais de nosso coração.

É lá, então, que é preciso começar a conversar com ela, e consultar suas leis em seu próprio domínio. Pelo menos o tédio não virá tão cedo perseguir-vos, e será mais fácil suportar essa atividade realizando um passeio e contemplando a variedade das coisas do campo do que em uma poltrona ou espreguiçadeira. Gostaria que evitásseis escolher uma época em que vosso coração, vivamente afetado por algum sentimento de prazer ou inquietação, guardasse essa emoção durante o retiro, ou vossa imaginação demasiadamente comovida vos aproximasse involuntariamente dos seres de quem pretendíeis escapar, ou vosso espírito, demasiadamente preocupado, rejeitasse as leves impressões das primeiras reflexões sobre vós mesma. Ao contrário, para arrepender-vos menos de ir entediar-vos no campo, escolhi as ocasiões em que estaríeis obrigada a entediar-vos na cidade; mesmo a vida mais cheia de cuidados e diversões ainda deixa muitos desses momentos vazios, e esta maneira de preencher os primeiros que se apresentarem logo vos deixará insensível a todos os demais. Não peço que vos entregueis logo de início a meditações profundas, peço apenas que possais manter vossa alma em um estado de langor e de calma que a permita dobrar-se sobre si mesma, e não a ocupe em nada que seja estranho a vós.

Uma vez nesse estado, perguntar-me-eis, que devo fazer? Nada. Deixai agir essa inquietude natural que, na solidão, não tarda a fazer cada um ocupar-se de si mesmo, não importa quem a sinta.

Não digo tampouco que esse estado deva produzir um relaxamento total, e estou bem longe de crer que não tenhamos nenhum meio de despertar em nós o sentimento interior. Assim como se reanima uma parte entorpecida do corpo com suaves fricções, a alma

amortecida em uma longa inação se reanima ao doce calor de um movimento moderado; é preciso estimulá-la com lembranças agradáveis que apenas a ela se referem, é preciso lembrar-lhe as afecções que a agradaram, não pela interposição dos sentidos mas por um sentimento distintivo e prazeres intelectuais. Se existisse no mundo um ser tão miserável que não tivesse feito durante toda sua vida nada cuja lembrança pudesse lhe trazer um contentamento interior e torná-lo feliz por ter vivido, esse ser, não tendo senão sentimentos e idéias que o afastam de si mesmo, não estaria jamais em condição de chegar a se conhecer, e, por não saber em que consiste a bondade que convém a sua natureza, permaneceria forçosamente mau e seria eternamente infeliz. Mas eu afirmo que não há sobre a Terra um homem tão pervertido a ponto de jamais ter entregue seu coração à tentação de agir bem; essa tentação é tão natural e tão doce que é impossível resistir-lhe para sempre, e basta ceder a ela uma única vez para não mais se olvidar a volúpia que se experimenta com ela. Ó querida Sophie, quantas ações de vossa vida vos acompanharão na solidão para ensinar-vos a amá-la. Não tenho necessidade de buscar as que me são estranhas. Pensai no coração que conservastes virtuoso, pensai em mim, e amareis estar convosco.

Eis os meios de trabalhar no mundo para agradar-vos no retiro, recolhendo vossas agradáveis lembranças, cultivando vossa própria amizade e fazendo-vos tão boa companhia a ponto de prescindir de qualquer outra. Mas quanto ao que é preciso fazer exatamente para chegar a esse ponto, não é ainda agora o momento de entrar em detalhes que pressupõem conhecimentos que ainda estamos nos propondo adquirir. Sei que não se deve começar um tratado de moral pelo final, nem apresentar como primeiro preceito que já se pratique aquilo que se quer ensinar. Mais uma vez, porém, qualquer que seja o estado de uma alma, resta um sentimento de prazer em agir bem que não se apaga jamais e não é que serve de primeiro degrau para todas as outras virtudes; é por esse sentimento cultivado que se chega a amar-se e comprazer-se consigo mesmo. A prática da beneficência agrada naturalmente o amor próprio por uma idéia de superioridade; todos os seus atos são lembrados como testemunhos de que, para além das próprias necessidades, tem-se ainda força para aliviar as de outrem. Essa sensação de poder faz com que se tenha mais prazer em existir e mais vontade de estar consigo mesmo. Eis tudo o que inicialmente vos exijo. Enfeitai-vos para apresentar-vos a vosso espelho, tereis assim mais prazer em observar-vos. Buscai sempre

prover-vos de um sentimento de bem-estar estando só, e dentre os objetos de vossos prazeres dai sempre preferência aos de que se pode usufruir mesmo quando não mais os possuímos.

Uma mulher de boa estirpe está sempre cercada das marcas de sua condição; eu gostaria que pudésseis por alguns momentos renunciar à vossa; essa seria mais uma forma de entreter-vos mais imediatamente convosco. Quando fizerdes vossos retiros deixai para trás todo o cortejo de vossa casa; não leveis nem cozinheiro nem mordomo. Tomai um lacaio e uma camareira, já é mais que o bastante. Em suma, não transporteis a vida da cidade para o campo; ide e experimentai verdadeiramente a vida retirada e campestre. Mas, e as comodidades? Ah, sempre essas fatais comodidades! Se quereis dar-lhes continuamente atenção, então não precisais de nenhum outro guia; escolhei entre elas e a sabedoria. Deitai cedo, levantai-vos pela manhã, segui aproximadamente a marcha do Sol e da natureza; nada de toalete, nada de leitura, fazei refeições simples às horas em que o povo as faz; em suma, sede em tudo uma mulher do campo. Se essa maneira de viver tornar-se de vosso agrado, descobrireis um prazer a mais; se ela vos entedia, retomareis com maior gosto aquela à qual estais acostumada.

Fazei ainda melhor: desses curtos períodos que quereis passar solitariamente, usai uma parte para tornar-vos a outra agradável. Tereis longas manhãs livres de vossas ocupações ordinárias; destinai-as a visitas à aldeia. Informai-vos sobre os doentes, os pobres, os oprimidos; buscai dar a cada um o auxílio de que tem necessidade e não penseis que baste assisti-los com vossa bolsa se não lhes dais também vosso tempo e não os ajudais com vossos cuidados. Imponde-vos a nobre função de fazer com que haja alguns males a menos sobre a Terra, e, se vossas intenções forem puras e verdadeiras, logo conseguireis realizá-las. Bem sei que mil obstáculos vos desviarão, no início, de uma tal tarefa. As casas mal-asseadas, as pessoas brutais, os sinais de miséria começarão por vos repugnar. Mas ao entrar na casa desses infelizes dizei: sou sua irmã, e a humanidade triunfará sobre a repugnância. Descobrireis que são mentirosos, interesseiros, cheios de vícios que desencorajarão vosso zelo, mas interrogai-vos secretamente sobre os vossos para logo aprenderdes a perdoar os dos outros, e considerai que, ao revesti-los de um ar mais honesto, a educação só os torna mais perigosos. Sobretudo o tédio – esse tirano das pessoas de vossa condição, que lhes faz pagar tão caro a isenção do trabalho e do qual sempre se cai mais

prisioneiro ao esforçar-se para evitá-lo –, o mero tédio vos desviará a princípio dessas ocupações salutares, e ao torná-las insuportáveis fornecerá pretextos para delas vos dispensar. Observai que aprazer-se em bem fazer é o prêmio por ter feito bem, e um prêmio que não se obtém antes de tê-lo merecido. Nada é mais agradável que a virtude, mas esta só se mostra como tal àqueles que a possuem; quando queremos abraçá-la, semelhante ao Proteu da fábula, ela toma de início mil formas assustadoras e não se mostra por fim sob sua forma verdadeira senão àqueles que não afrouxaram o abraço. Resisti, portanto, aos sofismas do tédio. Não afasteis de vós os objetos feitos para vos enternecer; repudiái essa piedade cruel que desvia os olhos dos males dos outros para dispensar-se de aliviá-los. Não vos dispenseis desses honrosos cuidados pelo auxílio de mercenários. Estai certa de que os criados sempre se aproveitam dos benefícios distribuídos por seus senhores; que sabem se apropriar, de uma forma ou outra, de uma parte do que se doa por suas mãos, e que exigem um reconhecimento muito oneroso por tudo que o senhor fez gratuitamente. Assumi como um dever levar por toda a parte, juntamente com uma assistência real, o interesse e as consolações que a valorizam e freqüentemente assumem seu lugar. Que vossas visitas não sejam jamais infrutíferas! Que todos estremeçam de alegria à vossa chegada, que as bênçãos públicas vos acompanhem sem cessar. Logo esse doce cortejo encantará vossa alma e, nos novos prazeres que aprendereis a experimentar, se algumas vezes perdeis o bem que acreditastes fazer, pelo menos não perdereis o bem que deles obtivestes.

CARTA AO
SENHOR DE FRANQUIÈRES

Tradução e notas de
Ana Luiza Silva Camarani

CARTA AO SENHOR DE FRANQUIÈRES

Monquin, 25 de março de 1769.

Aqui está, Senhor, esta miserável ladainha que meu amor próprio humilhado vos fez esperar por tanto tempo, por não sentir que um amor próprio muito mais nobre deveria ensinar-me a sobrepujar o primeiro. Pouco importa que meu palavrório vos pareça miserável, contanto que eu esteja satisfeito com o sentimento que o ditou a mim. Assim que a melhora de meu estado devolveu-me algumas forças, aproveitei para relê-lo e enviá-lo a vós. Se tiverdes coragem de ir até o final, rogo-vos, depois disso, o obséquio de remetê-lo de volta, sem nada me dizer do que pensastes, e que aliás compreendo. Saúdo-vos e vos abraço de todo o coração.

Renou²³.

Bourgoin, 15 de janeiro de 1769

Sinto, Senhor, a inutilidade do dever que cumpro ao responder vossa última carta: mas é um dever, enfim, que me impondes, e eu o cumpro de bom coração, embora mal, tendo em vista as distrações do estado em que estou.

Meu desígnio ao apresentar-vos aqui minha opinião sobre os principais pontos de vossa carta é apresentá-la com simplicidade e sem procurar fazer com que a adoteis, o que seria contra os meus princípios e mesmo contra meu gosto. Pois sou justo, e como não gosto que tentem subjugar-me, não procuro também subjugar ninguém. Sei que a razão comum é muito limitada, que tão logo se saia de seus estreitos limites cada qual tem a sua que lhe é peculiar, que as opiniões se propagam pelas opiniões, não pela razão, e que qualquer um que ceda à razão de outro, coisa já muito rara, cede por preconceito, por autoridade, por afeição, por preguiça; raramente, nunca talvez, por seu próprio julgamento.

²³ Ao voltar da Inglaterra, Rousseau é aconselhado pelo príncipe de Conti a usar outro nome durante sua permanência na França.

Vós me indicais, Senhor, que o resultado de vossas pesquisas sobre o autor das coisas é um estado de dúvida. Não posso julgar esse estado, porque nunca foi o meu. Acreditei, em minha infância, por autoridade, em minha juventude, por sentimento, na maturidade, pela razão; agora, acredito porque sempre acreditei. Embora minha memória extinta não mais me ponha no rastro de meus raciocínios, embora minha debilitada faculdade de julgar não me permita mais recomeçá-los, as opiniões que deles resultaram guardam em mim toda sua força, e sem que eu tenha nem vontade nem coragem para colocá-las mais uma vez em deliberação, apego-me a elas com confiança e consciência, certo de, no vigor de meu julgamento, ter dedicado a sua discussão toda a atenção e boa fé de que sou capaz. Se me enganei, não foi por minha culpa, mas da natureza que não deu à minha cabeça um quinhão maior de inteligência e de razão. Hoje não tenho mais dessas coisas, ao contrário, tenho muito menos. Sobre qual fundamento recomeçarei, então, a deliberar? O tempo urge; o momento da partida aproxima-se. Jamais terei tempo e forças para terminar o grande trabalho de uma reforma. Permiti que leve comigo até o desfecho a consistência e a firmeza de um homem, não as dúvidas desencorajadoras e tímidas de um velho caduco.

Pelo que posso lembrar-me de minhas antigas idéias, pelo que percebo da marcha das vossas, vejo que não tendo seguido em nossas pesquisas o mesmo caminho, é pouco surpreendente que não tenhamos chegado à mesma conclusão. Ao sopesar as provas da existência de Deus com as dificuldades, não achastes nenhum dos lados preponderante o bastante para decidir-vos, e permanestes na dúvida. Não foi assim que eu fiz. Examinei todos os sistemas sobre a formação do universo que pude conhecer, meditei sobre os que podia imaginar. Comparei-os todos da melhor maneira possível e decidi-me, não pelo que não me oferecia nenhuma dificuldade, pois todos apresentavam alguma, mas pelo que parecia tê-las em menor quantidade. Disse para mim mesmo que essas dificuldades estavam na natureza da coisa, que a contemplação do infinito ultrapassaria sempre os limites de meu entendimento, que, não devendo jamais esperar conceber plenamente o sistema da natureza, tudo o que eu podia fazer era considerá-lo pelos lados que podia apreender, e que era preciso saber ignorar em paz todo o resto, e confesso que, nessas pesquisas, eu pensava como as pessoas de que falais, que não rejeitam uma verdade clara ou suficientemente provada por causa das dificuldades que a acompanham e que não poderão ser suprimidas. Tinha então, confesso-o, uma confiança tão temerária, ou ao menos uma tão forte

persuasão, que teria desafiado qualquer filósofo a propor algum sistema inteligível sobre a natureza ao qual eu não tivesse oposto objeções mais fortes, mais invencíveis do que aquelas que ele podia opor ao meu, e então foi preciso resolver-me a permanecer sem acreditar em nada, como fazeis, o que não dependia de mim, ou a raciocinar mal, ou a crer, como fiz.

Uma idéia que me veio há trinta anos pode ter contribuído mais do que qualquer outra para tornar-me inabalável. Suponhamos, dizia-me, que o gênero humano tivesse chegado até o dia de hoje no mais completo materialismo, sem que jamais a idéia de divindade ou de alma tivesse entrado em nenhuma mente humana. Suponhamos que o ateísmo filosófico tivesse esgotado todos os seus sistemas para explicar a formação e a marcha do universo unicamente pelo funcionamento da matéria e do movimento necessário, noção, aliás, que nunca concebi. Nessa situação, Senhor, desculpai minha franqueza, supus que ocorreria mais uma vez o que sempre vi e o que sentia que devia ocorrer: que, em lugar de encontrar um tranqüilo repouso nesses sistemas, como no seio da verdade, seus inquietos partidários procuravam incessantemente falar de sua doutrina, esclarecê-la, estendê-la, explicá-la, atenuá-la, corrigi-la, e, como aquele que sente tremer sob seus pés a casa em que habita, a escorá-la com novos argumentos. Encerremos, enfim, essas suposições com de um Platão, de um Clarke²⁴, que, erguendo-se de repente no meio deles, tivesse lhes dito: meus amigos, se houvésseis principiado a análise desse universo pela de vós mesmos, teríeis encontrado na natureza de vosso estado a chave da constituição desse mesmo universo que sem isso procurais; que, em seguida, explicando-lhes a distinção das duas substâncias, tivesse lhes provado, pelas propriedades mesmo da matéria, que a suposição da matéria pensante, seja o que for que diga Locke, é um verdadeiro absurdo; que os tivesse feito ver qual é a natureza do ser verdadeiramente ativo e pensante, e que, do estabelecimento desse ser que julga, tivesse enfim remontado às noções confusas mas seguras do ser supremo. Quem pode duvidar que, tocados pelo brilho, pela simplicidade da verdade, da beleza dessa maravilhosa idéia, os até então cegos mortais, iluminados pelos primeiros raios da

²⁴ Samuel Clarke (1675-1729), filósofo inglês, autor de *Tratado da existência e dos atributos de Deus*, obra destinada a refutar as teorias de Hobbes e Espinosa.

divindade, não lhe tivessem oferecido por aclamação suas primeiras homenagens, e que os pensadores, sobretudo os filósofos, tivessem enrubescido por ter contemplado tanto tempo o exterior dessa máquina imensa sem encontrar, sem pressentir mesmo a chave de sua constituição, e, sempre grosseiramente limitados por seus sentidos, por nunca terem sabido ver senão matéria onde tudo lhes mostrava que uma outra substância dava vida ao universo e inteligência ao homem. É só então, Senhor, que teria vindo a moda por essa nova filosofia, que os jovens e os sábios teriam se posto de acordo, que uma doutrina tão bela, tão sublime, tão doce, e tão consoladora para qualquer homem justo, teria incitado realmente todos os homens à virtude, e que essa bela palavra *humanidade*, repetida agora até a insipidez, até o ridículo pelas pessoas do mundo menos humanas, teria se impresso mais profundamente nos corações do que nos livros. Assim, teria bastado uma simples transposição de tempo para inverter totalmente a moda filosófica, com a diferença que a de hoje, apesar do brilho enganador de palavras, não nos promete uma geração estimável nem filósofos virtuosos.

Objetais, Senhor, que se Deus tivesse desejado obrigar os homens a conhecê-lo, teria feito sua existência evidente a todos os olhos. Cabe àqueles que fazem da fé em Deus um dogma necessário à salvação responder a essa objeção, e eles a respondem pela revelação. Quanto a mim que creio em Deus sem acreditar que essa fé seja necessária, não vejo por que Deus seria obrigado a nos dá-la. Penso que cada um será julgado, não pelo que acreditou, mas pelo que fez, e não creio que um sistema de doutrina seja necessário às obras, porque a consciência o substitui.

Acredito, é verdade, que é preciso ser honesto nessa crença, e não fazer dela um sistema favorável a nossas paixões. Como não somos totalmente inteligência, não poderíamos filosofar de forma tão desinteressada que nossa vontade não influencie um pouco nossas opiniões; pode-se muitas vezes julgar as secretas inclinações de um homem pelos seus sentimentos puramente especulativos; isso posto, penso que seria possível que aquele que não quis acreditar fosse punido por não ter acreditado.

Entretanto, creio que Deus revelou-se suficientemente aos homens, tanto por suas obras como em seus corações, e se há aqueles que não o conhecem, isso se dá, em minha opinião, porque não o querem conhecer, ou porque não têm necessidade de conhecê-lo.

Neste último caso está o homem selvagem e sem cultura, que ainda não fez nenhum uso de sua razão, que, governado apenas por seus apetites, não tem necessidade de outro guia, e que, seguindo apenas o instinto da natureza, caminha com passos sempre corretos. Esse homem não conhece Deus, mas não o ofende. No caso oposto está o filósofo, que, por querer exaltar sua inteligência, depurar, esmiuçar o que se pensou até ele, abala enfim todos os axiomas da razão simples e primitiva, e, por querer sempre saber mais e melhor do que os outros, acaba por não saber absolutamente nada. O homem ao mesmo tempo racional e modesto, cujo entendimento treinado mas limitado percebe seus limites e se mantém dentro deles, encontra nesses limites a idéia de sua alma e a do autor de seu ser, sem ser capaz de ir além disso para tornar essas noções claras e contemplar uma e outra de tão perto como se fosse ele próprio um puro espírito. Então, tomado de respeito, pára e não toca no véu, contente de saber que o Ser imenso está sob ele. Eis até onde a filosofia é útil à prática. O resto nada mais é do que especulação ociosa para a qual o homem não foi feito, da qual o raciocinador moderado se abstém, e na qual o homem vulgar de modo algum participa. Esse homem, que não é nem um bruto nem um prodígio, é o homem propriamente dito, um meio termo entre os dois extremos, e que compõe dezenove vigésimos do gênero humano. Cabe a essa classe numerosa cantar o Salmo *Coeli enarrant*²⁵; e é ela, com efeito, que o canta. Todos os povos da Terra conhecem e adoram a Deus, e embora cada um o vista à sua moda, sob todas essas vestes diversas sempre se encontra Deus. Um pequeno número de homens de elite, com as mais altas pretensões de doutrina e cujo talento não se limita ao senso comum, querem algo mais transcendente; não é isso que censuro neles, mas que partam daí para se colocar no lugar do gênero humano e dizer que Deus escondeu-se dos homens porque esse pequeno número não o vê mais; é nisso que penso que estão errados. Pode acontecer, concordo, que a torrente da moda e o jogo da intriga ampliem a força da seita filosófica e persuadam por um momento a multidão de que não crê mais em Deus; mas essa moda passageira não pode durar, e como quer que se o conceba, com o tempo sempre será preciso um Deus para os homens. Enfim, ainda que, forçando a natureza das coisas, a evidência da divindade aumentasse para nós, não duvido que no novo Liceu não se

²⁵ Salmo XVIII (*Vulgata*).

aumentaria na mesma proporção a sutileza para negá-la. A razão toma com o tempo o molde que o coração lhe dá, e quando se quer pensar em tudo diferentemente do povo, chega-se, cedo ou tarde, a esse resultado.

Tudo isso, Senhor, parece-vos pouco filosófico, e a mim também; mas sempre honesto comigo mesmo, sinto juntar-se a meus simples raciocínios o peso do assentimento interior. Quereis que se duvide dele, mas eu não poderia pensar como vós nesse ponto, e, ao contrário, encontro nesse julgamento interno uma salvaguarda natural contra os sofismas de minha razão. Temo mesmo que nessa ocasião vós confundis as inclinações secretas de nosso coração, que nos afastam do caminho, com esse ditame mais secreto, mais interno ainda, que reclama e se queixa dessas decisões interessadas, e nos reconduz, a despeito de nós mesmos, à estrada da verdade. Esse sentimento interno é o da própria natureza, é um apelo de sua parte contra os sofismas da razão, e o que o prova é que ele jamais fala mais forte do que quando nossa vontade cede com a maior complacência aos julgamentos que ele se obstina em rejeitar. Longe de crer que quem julga segundo esse sentimento esteja sujeito a enganar-se, acredito que ele nunca nos engana, e que é, de fato, a luz de nosso fraco entendimento quando queremos ir além do que podemos conceber.

E, afinal de contas, quantas vezes a própria filosofia, com todo seu orgulho, não é forçada a recorrer a esse julgamento interno que ela finge desprezar? Não foi unicamente ele que fez Diógenes caminhar como única resposta a Zenão, que negava o movimento? Não foi por meio dele que toda a antigüidade filosófica respondeu aos pirrônicos²⁶? Nem é preciso ir tão longe: enquanto toda a filosofia moderna rejeita o espírito, de repente o Bispo Berkeley levanta-se e sustenta que não há corpo. Como se teve sucesso em responder a esse terrível lógico? Tirai o sentimento interior, e desafio todos os filósofos modernos em conjunto a provar a Berkeley que existem corpos. Bom jovem, que me pareceis tão bem nascido, de boa fê eu vos conjuro, e permiti que vos cite aqui um autor que não vos será suspeito, o das *Pensées philosophiques*²⁷. Que um homem venha vos dizer que, lançando ao

²⁶ Pertencentes à escola de Pirro, o primeiro dos grandes céticos gregos.

²⁷ Diderot.

ar ao acaso um grande número de caracteres tipográficos, ele viu a *Eneida* completamente organizada resultar desse lance; convinde que em lugar de ir verificar essa maravilha, vós lhe responderíeis friamente: Senhor, isso não é impossível, mas mentis. Em virtude de quê, eu pergunto, vós lhe responderíeis assim?

Pois bem, quem não sabe que, sem o sentimento interno, logo não restariam mais traços de verdade sobre a Terra, que seríamos todos sucessivamente o brinquedo das opiniões mais monstruosas, à medida que aqueles que as sustentassem tivessem mais talento, destreza e espírito, e que enfim, reduzidos a enrubescer de nossa própria razão, logo não saberíamos em que acreditar nem o que pensar.

Mas as objeções... Sem dúvida existem, e muitas, insolúveis para nós, eu o sei. Mas, de novo, dai-me um sistema em que não haja objeções, ou dizei-me como devo me decidir. Mais ainda, pela natureza de meu sistema, desde que minhas provas diretas estejam bem estabelecidas, as dificuldades não devem me deter, tendo em vista a impossibilidade em que me encontro, eu, ser misto, de raciocinar com precisão sobre os espíritos puros e de observar-lhes suficientemente a natureza. Mas vós, materialistas que me falais de uma substância única, palpável, e submissa por sua natureza à inspeção dos sentidos, estais obrigados não somente a me dizer apenas o que está claro, bem provado, mas a resolver todas as minhas dificuldades de uma maneira plenamente satisfatória, porque possuímos, vós e eu, todos os instrumentos necessários para essa solução. E, por exemplo, quando fazeis nascer o pensamento das combinações da matéria, deveis mostrar-me sensivelmente essas combinações e seu resultado unicamente com base nas leis da física e da mecânica, já que não admitis outras. Vós, epicurista, compondes a alma de átomos sutis. Mas, por favor, o que chamais de *sutis*? Sabeis que não conhecemos dimensões absolutas, e que nada é pequeno ou grande senão relativamente aos olhos que o vêem. Tomo, por hipótese, um microscópio poderoso o suficiente e olho um de vossos átomos. Vejo um grande pedaço de rocha recurvada. Da dança e da junção de tais fragmentos espero ver resultar o pensamento. Vós, modernista, mostrais-me uma molécula orgânica. Tomo meu microscópio e vejo um dragão grande como a metade de meu quarto; espero ver moldar-se e enrolar-se dragões semelhantes até que veja resultar do todo um ser não somente organizado, mas inteligente; isto é, um ser não agregativo e que seja rigorosamente um, etc. Observastes-me, Senhor, que o mundo organizara-se fortuitamente como a República romana. Para que a analogia

fosse justa seria preciso que a República romana não tivesse sido composta de homens, mas de pedaços de madeira. Mostrai-me de forma clara e perceptível a geração puramente material do primeiro ser inteligente, isto é tudo que vos peço.

Mas se tudo é obra de um ser inteligente, poderoso, benfazejo, de onde vem o mal sobre a Terra? Confesso-vos que essa dificuldade tão terrível nunca me afligiu muito, seja porque não a concebi bem, seja porque efetivamente ela não tenha toda a solidez que parece ter. Nossos filósofos insurgiram-se contra as entidades metafísicas, e não conheço ninguém que as produza tanto. Que entendem eles por *o mal*? Que é *o mal* em si mesmo? Onde está *o mal* relativamente à natureza e a seu autor? O Universo subsiste, a ordem reina nele e se conserva. Tudo nele perece sucessivamente, porque essa é a lei dos seres materiais e movidos; mas tudo também nele se renova, e nada degenera, porque essa é a ordem de seu autor, e essa ordem não se contradiz. Não vejo mal algum nisso tudo. Mas, quando sofro, não é isso um mal? Quando morro, não é um mal? Vamos com calma: estou sujeito a morrer porque recebi a vida. Para mim só haveria um meio de não morrer, que é o de nunca ter nascido. A vida é um bem positivo mas finito, cujo término chama-se morte. O término do positivo não é o negativo, é zero. A morte nos aterroriza, e esse terror chamamos um mal. A dor é, mais uma vez, um mal para aquele que sofre, concordo. Mas a dor e o prazer eram os únicos meios de ligar um ser sensível e percível à sua própria conservação, e esses meios são dispostos com uma bondade digna do Ser supremo. Neste mesmo momento em que escrevo, acabo de sentir o quanto a súbita cessação de uma dor aguda é um prazer vivo e delicioso. Ousariam dizer-me que a cessação do prazer mais vivo seja uma dor aguda? O doce gozo da vida é permanente; para gozá-la, basta não sofrer. A dor é apenas uma advertência, importuna mas necessária, de que esse bem que nos é tão caro está em perigo. Ao examinar de perto tudo isso, descobri, experimentei talvez, que o sentimento da morte e o da dor é quase nulo na ordem da natureza. Foram os homens que o aguçaram. Sem seus insensatos refinamentos, sem suas instituições bárbaras, os males físicos não nos atingiriam, quase não nos afetariam, e não sentiríamos a morte.

Mas e o mal moral? Outra obra do homem, na qual Deus não tem outra responsabilidade que a de tê-lo feito livre e, nisso, semelhante a ele. Será preciso culpar Deus pelos crimes dos homens e pelos males que eles atraem para si mesmos? Será preciso, ao ver um campo de batalha, repreendê-lo por ter criado tantas pernas e braços quebrados?

Por que, direis, fazer o homem livre, já que ele iria abusar de sua liberdade? Ah, Senhor de Franquières, se existiu um dia um mortal que nunca abusou dela, esse único mortal honra mais a humanidade do que a degradam todos os celerados que cobrem a Terra. Meu Deus! Dá-me virtudes, e coloca-me um dia junto aos Fenelons, aos Catões, aos Sócrates. Que me importará o resto do gênero humano? Não terei vergonha de ter sido homem.

Disse-vos, Senhor, trata-se aqui de meu sentimento, não de minhas provas, e vós o vedes muito bem. Lembro-me de já ter encontrado em meu caminho essa questão da origem do mal e de a haver tratado superficialmente, mas não lestes esse palavrário, e eu o esqueci; fizemos bem, os dois. Tudo o que sei é que a facilidade que encontrei para resolvê-la, vinha da opinião que sempre tive da coexistência eterna de dois princípios, um ativo que é Deus, o outro passivo, que é a matéria, a qual o ser ativo combina e modifica com pleno poder, sem, entretanto, tê-la criado e sem poder aniquilá-la. Essa opinião fez gritarem contra mim os filósofos a quem a expus, decidiram que era absurda e contraditória. Isso pode ser verdade, mas não foi assim que a vi, e encontrei nela a vantagem de me permitir explicar à vontade, de forma fácil e clara, muitas questões com as quais eles se embaraçam, entre outras, aquela que aqui me propusestes como insolúvel.

De resto, ousou acreditar que meu sentimento, pouco refletido em qualquer outra matéria, deve sê-lo um pouco nesta aqui, e quando conhecerdes melhor meu destino, algum dia direis talvez pensando em mim: quem mais tem o direito de ampliar a medida que encontrou nos males que o homem sofre aqui na Terra?

Atribuíis à dificuldade dessa mesma questão, da qual abusaram o fanatismo e a superstição, os males que as religiões causaram na Terra. Pode ser, e confesso-vos mesmo que todas as fórmulas em matéria de fé parecem-me apenas correntes de iniquidade, de falsidade e de tirania. Mas não sejamos nunca injustos, e, para agravar o mal, não despojemos o bem. Arrancar do coração dos homens toda a crença em Deus é destruir toda a virtude. Essa é minha opinião, Senhor; talvez seja falsa, mas como é a minha, não serei tão covarde para dissimulá-la.

Fazer o bem é a ocupação mais agradável para um homem bem nascido. Sua probidade, sua beneficência não são obra de seus princípios, mas de seu bom caráter. Ele cede às suas

inclinações ao praticar a justiça do mesmo modo que o mau cede às suas ao praticar a iniquidade. Contentar o gosto que nos leva a fazer o bem é bondade, mas não virtude.

A palavra virtude significa *força*. Não há virtude sem combate, sem vitória. A virtude não consiste apenas em ser justo, mas em sê-lo triunfando sobre suas paixões, reinando sobre seu próprio coração. Tito, ao tornar feliz o povo romano, ao verter por toda parte graças e benefícios, podia não perder um único dia e não ser virtuoso; mas ele o foi, certamente, ao devolver Berenice. Brutus, ao fazer morrer seus filhos, poderia ter sido apenas justo. Mas Brutus era um pai terno: para cumprir seu dever dilacerou suas entranhas, e Brutus foi virtuoso.

Vedes aqui, de antemão, a questão recolocada em foco. Esse divino simulacro de que me falais apresenta-se a mim sob uma imagem que não é ignóbil, e creio sentir, pela impressão que essa imagem faz em meu coração, o calor que ela é capaz de produzir. Mas esse simulacro, enfim, é apenas uma dessas entidades metafísicas que não quereis que os homens transformem em seus Deuses. É um puro objeto de contemplação. Até onde levais o efeito dessa contemplação sublime? Se quereis apenas tirar daí um novo incentivo para fazer o bem, estou de acordo convosco, mas não é disso que se trata. Suponhamos vosso honesto coração tomado das paixões mais terríveis, situação da qual não estais a salvo, já que sois homem. Essa imagem que na calma pinta-se tão encantadora não perderá nada de seus encantos e não se embaçará em meio às ondas? Mas afastemos a suposição desencorajadora e terrível dos perigos que podem tentar a virtude em desespero. Suponhamos apenas que um coração demasiado sensível arde de um amor involuntário pela filha ou a mulher de seu amigo; que seja possível gozar esse amor entre o céu que nada vê, e ela que não quer revelar nada a ninguém; que sua figura encantadora o atraia, ornada de todos os atrativos da beleza e da volúpia. Será que, no momento em que seus sentidos inebriados estiverem prestes a se entregar a todas suas delícias, essa imagem abstrata da virtude virá disputar seu coração ao objeto real que o toca? Será que lhe aparecerá como a mais bela nesse instante, será que conseguirá arrancá-lo dos braços daquela que ama para dedicar-se à vã contemplação de um fantasma que sabe ser sem realidade? Terminará ele

como José, deixando lá seu manto²⁸? Não, Senhor; ele fechará os olhos e sucumbirá. Mas o crente, direis, também sucumbirá. Sim, o homem fraco: aquele, por exemplo, que vos escreve; mas dai aos dois o mesmo grau de força e vereis a diferença que faz o ponto de apoio.

Qual é o meio, Senhor, de resistir a tentações violentas quando se pode ceder a elas sem temor dizendo-se: para que resistir? Para ser virtuoso, o filósofo necessita sê-lo aos olhos dos homens; mas sob os olhos de Deus o justo é bem forte. Para ele esta vida, seus bens, seus males e todas suas pequenas glórias contam como tão pouca coisa! O que está além é tão mais perceptível! Força invencível da virtude, ninguém te conhece a não ser aquele que sente todo seu ser, e que sabe não estar em poder dos homens dispor dela. Ledes algumas vezes a *República* de Platão? Vede no segundo diálogo com que energia o amigo de Sócrates, cujo nome esqueci, pinta-lhe o justo cumulado pelos ultrajes do infortúnio e as injustiças dos homens, difamado, perseguido, atormentado, vítima de todo opróbrio do crime e merecendo todos os prêmios da virtude, já vendo a morte que se aproxima e certo de que o ódio dos maus não poupará sua memória quando não tiverem mais poder sobre sua pessoa²⁹. Que quadro desencorajador, se é que algo pode desencorajar a virtude. O próprio Sócrates, espantado, grita e crê dever invocar os Deuses antes de responder; mas sem a esperança de uma outra vida, ele teria respondido mal por esta. Todavia, tudo deveria terminar para nós com a morte, mas isso não pode ocorrer se Deus é justo e, conseqüentemente, se ele existe; a mera idéia dessa existência seria ainda para o homem um encorajamento à virtude e uma consolação em suas misérias, o que falta àquele que, acreditando-se isolado neste universo, não sente no fundo de seu coração nenhum confidente para seus pensamentos. É sempre uma alegria ter na adversidade uma testemunha de que não a merecemos; é um orgulho verdadeiramente digno da virtude poder dizer a Deus: tu, que lês em meu coração, vês que uso com alma forte e como homem justo a liberdade que me deste. O verdadeiro crente, que se sente em toda parte sob o olhar eterno, gosta de honrar-se diante do céu por ter cumprido seus deveres na Terra.

²⁸ *Gênesis*, XXXIX, 12.

Vedes que não disputei convosco esse simulacro que me apresentastes como único objeto das virtudes do homem sábio. Mas, caro Senhor, voltaí os olhos para vós e vede como esse objeto é incapaz de ligar-se, de compatibilizar-se com vossos princípios. Como não sentis que essa mesma lei da necessidade que, segundo vós, regula sozinha a marcha do mundo e todos os acontecimentos, regula também todas as ações dos homens, todos os pensamentos de suas cabeças, todos os sentimentos de seus corações, que nada é livre, que tudo é forçado, necessário, inevitável, que todos os movimentos do homem dirigidos pela matéria cega só dependem de sua vontade porque essa própria vontade depende da necessidade; que, conseqüentemente, não há nem virtudes nem vícios, nem mérito, nem demérito, nem moralidade nas ações humanas, e que os termos *homem honesto* ou *celerado* devem ser para vós totalmente vazias de sentido. Não o são, entretanto, estou bastante certo. Vosso honesto coração, a despeito de vossos argumentos, clama contra vossa triste filosofia. O sentimento da liberdade, o encanto da virtude, fazem-se sentir a vós à vossa revelia, e eis como de todas as partes essa forte e salutar voz do sentimento interior chama ao seio da verdade e da virtude todo homem desviado por sua razão mal conduzida. Abençoai, Senhor, essa voz santa e benfazeja que vos reconduz aos deveres do homem, dos quais a filosofia da moda terminará por fazer-vos esquecer. Entregai-vos a vossos argumentos apenas ao sentirdes que estão de acordo com o ditame de vossa consciência, e todas as vezes em que não estiverem, estai certo de que são eles que vos enganam.

Embora eu não queira argumentar convosco, nem seguir passo a passo vossas duas cartas, não posso, entretanto, recusar-me a dizer uma palavra sobre o paralelo do sábio hebreu e do sábio grego. Como admirador de um e de outro, não posso ser muito suspeito de preconceitos ao falar deles, mas não acredito que estejais no mesmo caso. Não me surpreende que deis ao segundo toda a vantagem. Não conheceis suficientemente o primeiro, e não vos preocupastes muito em separar o que é verdadeiramente dele do que lhe é estranho e que o desfigura a vossos olhos, assim como aos de muitas outras pessoas que, a meu ver, não consideraram o assunto mais detidamente que vós. Se Jesus tivesse nascido em Atenas e Sócrates em Jerusalém, e Platão, Xenofonte, tivessem escrito a vida do

²⁹ Platão, *República*, discurso de Glauco.

primeiro, Lucas e Mateus a do segundo, vossa linguagem mudaria muito, e o que depõe contra ele a vossos olhos é precisamente o que torna a elevação de sua alma mais surpreendente e admirável, a saber, seu nascimento na Judéia, entre o povo mais desprezível que talvez existisse na época, ao passo que Sócrates, nascido entre o povo mais instruído e amável, encontrou toda a ajuda de que tinha necessidade para elevar-se facilmente ao tom que assumiu. Ele levantou-se contra os sofistas, como Jesus contra os sacerdotes, com a diferença de que Sócrates imitou muitas vezes seus antagonistas, e se sua bela e suave morte não tivesse honrado sua vida, teria passado por um sofista como eles. Para Jesus, o vôo sublime que alçou sua grande alma sempre o elevou acima de todos os mortais, e, desde a idade de doze anos até o momento em que expirou na mais cruel e mais infame de todas as mortes, não se desdisse em nenhum momento. Seu nobre projeto era de elevar seu povo, de fazer deles uma segunda vez um povo livre e digno de sê-lo, pois era por aí que era preciso começar. O profundo estudo que fez da Lei de Moisés, seus esforços para despertar o entusiasmo e o amor nos corações mostraram seu objetivo tanto quanto era possível para não assustar os romanos. Mas seus vis e fracos compatriotas, em vez de escutá-lo, odiaram-no precisamente por causa de seu gênio e sua virtude, que lhes reprovavam sua indignidade. Enfim, foi só após ter visto a impossibilidade de executar seu projeto que ele o ampliou em sua mente, e que, não podendo fazer por si mesmo uma revolução em seu povo, quis fazer uma por meio de seus discípulos no Universo. O que o impediu de ter êxito em seu primeiro plano, além da baixeza de seu povo, incapaz de qualquer virtude, foi a excessiva suavidade de seu próprio caráter, suavidade que tem mais do anjo e de Deus do que do homem, que não o abandonou nem por um instante, mesmo na cruz, e que faz verter torrentes de lágrimas em quem sabe ler sua vida corretamente, através do amontoado confuso com que essas pobres pessoas a desfiguraram. Felizmente, respeitaram e transcreveram fielmente seus discursos, que não compreendiam; eliminai alguns circunlóquios orientais ou mal traduzidos, e não se verá ali uma única palavra que não seja digna dele; e é com isso que se reconhece o homem divino, que, de tão medíocres discípulos fez, entretanto, em seu grosseiro mas orgulhoso entusiasmo, homens eloqüentes e corajosos.

Objetais que ele fez milagres. Essa objeção seria terrível se fosse justa. Mas sabeis, Senhor, ou ao menos poderíeis saber que, segundo penso, longe de ter feito milagres, Jesus

declarou bem claramente que não os faria, e indicou um desprezo muito grande por aqueles que os pediam³⁰.

Quanta coisa faltaria dizer! Mas esta carta está enorme. É preciso concluir. Esta é a última vez em que voltarei a tratar dessas matérias. Quis vos agradar, Senhor; não me arrependo, ao contrário. Agradeço-vos por ter-me feito retomar um fio de idéias quase apagadas, mas cujos vestígios podem ter para mim algum uso no estado em que estou.

Adeus, Senhor, lembrai-vos alguma vezes de um homem que vós teríeis amado, orgulho-me disso, se o tivésseis conhecido melhor, e que se ocupou de vós em momentos em que as pessoas se ocupariam apenas de si mesmas.

RENOU.

³⁰ Cf. *Lettres écrites de la montagne*, 3ª carta.

FRAGMENTOS SOBRE DEUS
E SOBRE A REVELAÇÃO

Tradução e notas de
Adalberto Luis Vicente

FRAGMENTOS SOBRE DEUS E SOBRE A REVELAÇÃO

[SOBRE DEUS]

Todos cremos estar persuadidos da existência de um Deus; no entanto, é inconcebível conciliar essa persuasão com os princípios que regulam nossa conduta nesta vida. A idéia de Deus é inseparável das idéias de eterno, de infinito em inteligência, em sabedoria, em justiça e em poder. Seria mais fácil aniquilar em si o sentimento da divindade que conceber um Deus sem reconhecer-lhe esses atributos cujo conjunto forma a única maneira sob a qual se pode representá-lo em nosso espírito. Ora, por uma conseqüência necessária de seu poder infinito, é preciso que este se estenda sobre nós; e, se isso ocorre, dado que Deus é a fonte de toda sabedoria, ele pretende que nós nos governemos segundo os princípios de sabedoria que colocou em nosso espírito. Ter-lhe-ia sido possível, portanto, obrigar-nos a isso, e fazer com que seguíssemos necessariamente a ordem de seus decretos, que são os fundamentos da virtude e da religião. Mas, vendo o modo como os homens se conduzem neste mundo, logo nos convencemos de que eles não seguem absolutamente a ordem cujos princípios estão gravados no fundo de seus corações. É preciso, portanto, que Deus não tenha empregado seu poder infinito para forçá-los a agir dessa forma, pois seria absurdo imaginar que o homens pudessem, de alguma maneira, furtar-se a essa ordem. Se examinarmos agora as conseqüências disso, descobriremos a imensa fonte de benefícios que aprouve a Deus derramar sobre os homens, e os meios que lhes colocou nas mãos para que possam se tornar felizes.

Uma vez que não demos a existência a nós mesmos, devemos ser obra de outro; este é um raciocínio simples e claro em si mesmo, ao passo que nos seria impossível conceber como alguma coisa poderia ser produzida pelo nada.

PRECE

Nós nos prosternamos em vossa presença divina, grande Deus criador e conservador do universo, para render-vos as homenagens que devemos a vós, para agradecer todos os benefícios que recebemos e para vos dirigir nossas humildes preces.

Pai Nosso...etc.

Apresentamos, ó meu Deus, nossa homenagem e nossa adoração; dignai-vos a aceitá-las. Somos apenas pó e cinza diante de vós, e é com tremor que deveríamos nos apresentar em vossa temível presença. Vossa misericórdia, porém, é ainda maior que vossa majestade, e nós nos confiamos à vossa clemência infinita. Sois nosso criador, somos a obra de vossa bondade; sois nosso pai, somos vossos filhos; recebi então favoravelmente, ó meu Deus, nossos votos, nossas preces e nossas ações de graças.

Nós vos agradecemos por todas as graças e por todos os bens com os quais cumulais os homens, e, em particular, por aqueles que recebemos de vós desde nosso nascimento. Nós vos agradecemos por nos ter criado, por nos ter dado uma alma racional, por nos ter dado o conhecimento de vossa divindade, por ter provido, em vossa santa providência, as necessidades de nossa miséria e o alívio de nossas enfermidades, e, enfim, por ter-nos unido uns aos outros.

Continuai a oferecer-nos todas essas graças, Deus todo poderoso, mas não nos deixeis abusar delas, dai-nos as luzes e a vontade de vos servir da maneira que vos for mais agradável, conduzi-nos sempre pelo caminho da virtude e não deixeis que dele alguma vez nos desviemos. Não permitais, ó meu Deus, que sejamos jamais tão infelizes a ponto de duvidarmos um só momento de vossa divina existência, excitai em nossos corações o amor que devemos à vossa ternura paternal e a todos os vossos benefícios, o respeito e a veneração que devemos à vossa imensa majestade e ao vosso poder temível, e a caridade que devemos a nosso próximo. Que vossa palavra esteja em nossa boca e vossa Lei em nosso coração; espalhai vossa santa bênção sobre nossa união; que ela sirva para nos incentivar mutuamente a vos servir. Em suma, ó meu Deus, dai-nos tudo aquilo que considerais necessário para contribuir para vossa glória e trabalhar por nossa salvação.

Para a noite.

Dai-nos também uma noite doce e tranqüila; recomendamos nosso espírito e nosso corpo à vossa divina Proteção.

Para a manhã.

Abençoi também nosso trabalho deste dia e protegei-nos, pela vossa divina providência, de tudo aquilo que possa nos prejudicar e, principalmente, vos ofender.

[PRECE]

Deus todo poderoso, Pai eterno, meu coração se eleva em vossa presença para vos oferecer a homenagem e a adoração que ele vos deve; minha alma, penetrada pela vossa imensa majestade, pelo vosso poder temível e por vossa infinita grandeza, humilha-se diante de vós com os sentimentos da mais profunda veneração e da mais respeitosa humildade. Ó meu Deus, eu vos adoro com todas as minhas forças, reconheço em vós o criador, o conservador, o senhor e o soberano absoluto de tudo o que existe, o ser absoluto e independente que precisa apenas de si mesmo para existir, que tudo criou por seu poder, e sem cujo sustento todos os seres logo retornariam ao nada. Reconheço que vossa divina providência sustenta e governa o mundo inteiro, sem que esses cuidados cheios de bondade sejam capazes de alterar minimamente vossa augusta tranqüilidade. Enfim, qualquer que seja a magnificência que reina na construção deste vasto universo, concebo que foi preciso apenas um instante de vossa vontade para fazê-lo surgir do nada em toda sua perfeição; e que, muito longe de constituir-se no esforço último de vossa potência, todo o vigor do espírito humano é incapaz de conceber quão mais poderíeis estender os efeitos de vosso poder infinito. Adoro toda essa grandeza e majestade, e como a fraqueza de minhas luzes não permite conceber toda a extensão de vossas perfeições divinas, minha alma plena de submissão e de respeito reverencia sua augusta e imensa profundidade, reconhecendo-se incapaz de penetrá-la.

Porém, ó Deus do Céu, se vossa potência é infinita, não o é menos vossa divina bondade. Ó meu Pai, meu coração se compraz em meditar sobre a grandeza de vossa beneficência e encontra nela mil fontes inesgotáveis de zelo e de bênçãos. Que boca poderia enumerar dignamente todos os bens que recebi de vós? Tirastes-me do nada, destes-me a existência, dotastes-me de uma alma racional, gravastes no fundo de meu coração as leis a cujo cumprimento vinculastes o prêmio de uma eterna felicidade; leis plenas de justiça e de doçura, cuja prática tende a tornar-me feliz mesmo desde esta vida. Colocastes doçuras em meu destino nesta terra e, expondo a meus olhos o tocante e magnífico espetáculo deste vasto universo, não desdenhastes destinar grande parte dele à minha comodidade e a meus prazeres. Ó sublime benfeitor, vossos benefícios são infinitos como vós; sois o Rei da natureza, mas também o pai dos humanos. Que corações se inflamarão o bastante para dar-

vos testemunho de um amor e um reconhecimento dignos de vossa bondade? Ousarão minhas homenagens e minha dedicação, fracas como são, apresentar-se a vós para satisfazer minha gratidão? Sim, meu Deus, vós vos dignais a acolhê-las em consideração a minha fraqueza; aceitais, na verdade, sentimentos bem indignos de vós, que são, no entanto, o fruto de todos os esforços de meu coração; por fracos que sejam, meu reconhecimento, meu zelo e meu amor não são desdenhados por vossa divina bondade. Ó meu Criador, meu coração é incitado, pela contemplação de todas as vossas graças e de todos os vossos benefícios, a oferecer-vos ações de graças e agradecimentos na medida de minhas forças; recebei-os na plenitude de vossa misericórdia.

Ó meu Deus, perdoai todos os pecados que cometi até este dia, todos os desvios aos quais sucumbi; dignai-vos ter piedade de minhas fraquezas e destruir em mim todos os vícios a que elas me arrastaram. Minha consciência me diz o quanto sou culpado, sinto que todos os prazeres que minhas paixões me fizeram imaginar ao abandonar a sabedoria, tornaram-se, para mim, piores que a ilusão, e transformaram-se em odiosas amarguras; percebo que os verdadeiros prazeres são aqueles experimentados no exercício da virtude e na prática dos deveres. Estou imbuído do pesar de ter feito tão mau uso de uma vida e de uma liberdade que me destes apenas como meios de tornar-me digno da felicidade eterna. Aceitai meu arrependimento, ó meu Deus; envergonhado de minhas faltas passadas, decido firmemente repará-las por uma conduta cheia de retidão e de prudência. De agora em diante, confiarei a vós todas as minhas ações e meditarei sobre vós; eu vos bendirei, servirei e temerei; vossa lei estará sempre em meu coração e todas as minhas ações serão dela a prática; amarei meu próximo como a mim mesmo, servi-lo-ei em tudo o que depender de mim, tanto em relação ao corpo quanto à alma, lembrar-me-ei sempre de que não desejais menos a felicidade dele que a minha própria; terei piedade dos infelizes e os socorrerei com todas as minhas forças; cuidarei de conhecer bem todos os deveres de minha condição e os cumprirei com atenção. Lembrar-me-ei de que sois testemunha de todas as minhas ações e tratarei de nada fazer que seja indigno de vossa augusta presença. Serei indulgente com os outros e severo comigo mesmo, resistirei às tentações, viverei na pureza, serei sóbrio, moderado em tudo, permitindo-me apenas os prazeres autorizados pela virtude; refrearei sobretudo minha cólera e minha impaciência, e tratarei de tornar-me doce aos olhos de todos, não falarei mal de ninguém, não me permitirei nem julgamentos temerários, nem más conjecturas sobre a

conduta dos outros, afastar-me-ei tanto quanto possível do prazer do mundo, das satisfações, das comodidades da vida, para ocupar-me unicamente de vós e de vossas infinitas perfeições. Perdoarei sempre do fundo do coração a todos os que vierem a me ofender, como perdôo desde já, sem reservas, a todos os que podem ter-me feito alguma ofensa e peço-vos, ó meu Deus, que os perdoeis igualmente e concedeis-lhes vossa graça. Evitarei cuidadosamente ofender qualquer pessoa e, se tiver a infelicidade de fazê-lo, não me envergonharei de oferecer-lhe as reparações mais satisfatórias. Serei sempre perfeitamente submisso a tudo que vossa divina providência ordenar-me, e receberei sempre com uma perfeita resignação à vossa suprema vontade todos os bens ou os males que vos aprouver enviar-me. Preparar-me-ei para a morte como o para dia em que deverei prestar-vos conta de todas as minhas ações, e a esperarei sem temor como o momento que irá libertar-me da sujeição ao corpo e que me unirá para sempre a vós. Em suma, ó meu soberano senhor, empregarei minha vida em vos servir, em obedecer a vossas leis e em cumprir meus deveres; imploro vossas bênçãos sobre essas resoluções, que tomo com todo o meu coração e com um firme propósito de executá-las, sabendo por uma triste experiência que, sem o socorro de vossa graça, os mais firmes projetos se desvanecem, mas que vós não a recusais nunca àqueles que vo-la pedem de coração, e com humildade e fervor.

Imploro as mesmas graças, ó meu Deus, para minha querida mãezinha, para minha querida benfeitora e para meu querido pai. Concedei-lhes, Pai das misericórdias, todos os socorros de que necessitem, perdoai-lhes todo mal que fizeram, inspirai-lhes o bem que devem fazer, e dai-lhes a força de cumprir tanto os deveres de sua condição como os deveres que deles exigis. Lembrai-vos em geral de todos os meus benfeitores, fazei retornar a eles todos os bens que me fizeram, concedei também a assistência de vossas bênçãos divinas a todos os meus amigos, à minha pátria e ao gênero humano em geral. Lembrai-vos, ó meu Deus, que sois o pai comum de todos os homens e tende piedade de todos nós na plenitude de vossa misericórdia.

MEMORIAL

ENVIADO EM 19 DE ABRIL DE 1742 A MONSENHOR BOUDET, ANTONINO, QUE TRABALHA NA HISTÓRIA DO FINADO SENHOR DE BERNEX, BISPO DE GENEBRA.

Com a intenção que se tem de não omitir na história do Sr. de Bernex nenhum dos fatos consideráveis que possam servir para trazer plenamente à luz suas virtudes cristãs, não se poderia esquecer a conversão da Senhora Baronesa de Warens de la Tour, que foi obra desse prelado.

No mês de julho do ano de 1726, estando o Rei da Sardenha em Evian, várias pessoas de distinção da região de Vaud para lá acorreram a fim de ver a Corte. A Senhora de Warens estava entre elas, e essa dama, trazida por simples curiosidade, lá foi retida por motivos de ordem mais elevada, não menos eficazes por terem sido menos previstos. Tendo assistido por acaso a um dos sermões que esse prelado pronunciava com o zelo e a unção que levavam aos corações o fogo de sua caridade, a Senhora de Warens comoveu-se tanto a ponto de se poder considerar esse dia como a data de sua conversão. O caso, no entanto, revestia-se de maior dificuldade pelo fato de que essa dama, sendo muito esclarecida, mantinha-se em guarda contra as seduções da eloquência, e não estava disposta a ceder sem estar plenamente convencida. Mas quando se tem o espírito justo e o coração reto, o que pode faltar para se experimentar a verdade senão o socorro da graça? E não estava Monsenhor de Bernex habituado a levá-la aos corações mais endurecidos? A Senhora de Warens ouviu o prelado, seus preconceitos foram destruídos, suas dúvidas foram dissipadas e, imbuída pelas grandes verdades que lhe eram anunciadas, resolveu dar à fé, por meio de um grandioso sacrifício, o prêmio das luzes com as quais acabava de ser iluminada.

O rumor dos planos da Senhora de Warens não tardou a se espalhar por toda a região de Vaud: foram inquietações e luto universais. Essa dama era adorada naquele lugar, e o amor que se tinha por ela transformou-se em furor contra os que eram chamados seus sedutores e seus raptos. Os habitantes de Vevai falavam em incendiar Evian e em tomá-la pelas armas, mesmo com a presença da Corte. Esse projeto insensato, fruto ordinário de um zelo fanático, chegou aos ouvidos de Sua Majestade que fez a Monsenhor de Bernex, nessa ocasião, a gloriosa censura de que ele fazia conversões muito tempestuosas. O Rei ordenou imediatamente a partida da Senhora de Warens para Anneci, escoltada por quarenta de seus

guardas. Foi lá que, algum tempo depois, Sua Majestade assegurou-lhe sua proteção nos termos mais elogiosos e ofereceu-lhe uma pensão que deve ser vista como uma brilhante prova da piedade e da generosidade desse Príncipe, mas que não retirou da Senhora de Warens o mérito de ter abandonado grandes bens e uma alta posição em sua pátria para seguir a voz do Senhor e entregar-se sem reservas à sua providência. Sua Majestade teve até mesmo a bondade de oferecer-lhe aumentar essa pensão para que a Senhora de Warens pudesse se mostrar com todo brilho que desejasse, e obter para ela uma posição mais honrosa, se quisesse ir a Turim e permanecer junto à Rainha; mas a Senhora de Warens não abusou da bondade do monarca; ela iria adquirir bens maiores compartilhando daqueles que a Igreja derrama sobre seus fiéis, e o brilho dos demais não teve, a partir de então, nada que pudesse impressioná-la. Foi nesses termos que ela se explicou a Monsenhor de Bernex, e foi por essas máximas de desapego e de moderação que a vimos se conduzir constantemente desde então.

Chegou enfim o dia em que Monsenhor de Bernex iria assegurar à Igreja a conquista que lhe havia obtido. Ele recebeu publicamente a abjuração da Senhora de Warens e administrou-lhe o sacramento da confirmação em 8 de setembro de 1726, dia da natividade de Nossa Senhora, na Igreja da Visitação, diante da relíquia de São Francisco de Sales. Essa dama teve a honra de ter por madrinha, nessa cerimônia, a Senhora Princesa de Hesse, irmã da Princesa do Piemonte, mais tarde Rainha da Sardenha. Foi um espetáculo tocante ver uma jovem dama de nascimento tão ilustre, favorecida pelas graças da natureza e enriquecida pelos bens da fortuna, e que pouco tempo antes era a delícia de sua pátria, arrancar-se do seio da abundância e dos prazeres para vir depor aos pés da Cruz de Cristo o brilho e as volúpias do mundo, renunciando a eles para sempre. Monsenhor de Bernex fez sobre esse tema um sermão muito tocante e apaixonado; o ardor de seu zelo emprestou-lhe, nesse dia, novas forças. Toda a numerosa assembléia rompeu em prantos e as damas, banhadas em lágrimas, vieram abraçar a Senhora de Warens, felicitá-la e, junto com ela, dar graças a Deus pela vitória que ele a fazia alcançar. De resto, procuraram inutilmente, entre os papéis do finado Monsenhor de Bernex, o texto do sermão que pronunciou naquela ocasião e que, conforme testemunho de todos os que o ouviram, é uma obra-prima de eloquência, e é de se acreditar que, por mais belo que seja, tenha sido composto naquele momento e sem preparação.

Desde esse dia, Monsenhor de Bernex passou a chamar a Senhora de Warens de sua filha, e ela o chamava de seu pai; ele, de fato, sempre conservou por ela as bondades de um pai, e não é de se espantar que olhasse com uma certa complacência a obra de seus cuidados apostólicos, pois essa dama sempre se esforçou por seguir de tão perto quanto possível os santos exemplos desse prelado, seja em seu desapego pelas coisas mundanas, seja em sua extrema caridade com os pobres, duas virtudes que definem perfeitamente o caráter da Senhora de Warens.

O acontecimento que segue pode ingressar também no rol das provas que atestam as ações milagrosas de Monsenhor de Bernex.

No mês de setembro de 1729, estando a Senhora de Warens morando na casa do Monsenhor de Boige, um incêndio tomou conta do forno dos Franciscanos, que dava para o pátio dessa casa, com tal violência que esse forno, que compunha uma grande construção cheia de feixes e de madeira seca, logo ficou todo em chamas. O fogo, levado por um vento impetuoso, passou para o telhado da casa e chegou a penetrar nos aposentos pelas janelas. A Senhora de Warens deu logo ordens para deter o progresso do fogo e para transportar seus móveis para o jardim; ocupava-se disso quando soube que o Senhor Bispo tinha ocorrido ao rumor do perigo que a ameaçava, e que iria chegar em seguida. Ela foi ao seu encontro; juntos entraram no jardim, ele se pôs de joelhos, juntamente com todos os presentes entre os quais eu me encontrava, e começou a fazer orações com aquele fervor que era inseparável de suas preces; o efeito foi perceptível: o vento que arrastava as chamas por cima da casa até bem perto do jardim mudou subitamente de direção e as afastou tanto que o forno, embora contíguo, foi inteiramente consumido sem que a casa sofresse outro mal além do dano que recebera antes. Trata-se de um fato bem conhecido em toda Anneci, e que eu, autor do presente memorial, vi com meus próprios olhos.

Monsenhor de Bernex continuou a manter o mesmo interesse por tudo o que dizia respeito à Senhora de Warens. Ele mandou fazer o retrato dessa dama dizendo que gostaria que ele permanecesse em sua família como uma honrosa lembrança de uma de suas obras mais bem sucedidas. Enfim, embora ela tenha se mudado para longe, ele lhe deu provas, pouco tempo antes de morrer, de sua lembrança, e as deixou registradas no próprio testamento. Depois da morte desse prelado, a Senhora de Warens consagrou-se

inteiramente à solidão e ao retiro, dizendo que, após a perda de seu pai, nada mais a ligava ao mundo.

[FICÇÃO OU PEÇA ALEGÓRICA
SOBRE A REVELAÇÃO]

Foi durante uma bela tarde de verão que o primeiro homem a tentar filosofar, entregue a um profundo e delicioso devaneio e guiado por aquele entusiasmo involuntário que transporta, às vezes, a alma para fora de sua morada e a faz, por assim dizer, abraçar todo o universo, ousou elevar suas reflexões até o santuário da Natureza e penetrar, pelo pensamento, tão longe quanto é permitido à sabedoria humana alcançar.

O calor começava a diminuir com o cair do sol e os pássaros, já recolhidos, mas não ainda adormecidos, anunciavam, por um rumor lânguido e voluptuoso, o prazer que experimentavam ao respirar um ar mais fresco; um orvalho abundante e salutar já reanimava a vegetação murcha pelo ardor do sol, as flores exalavam por toda parte seus mais doces perfumes; os pomares e os bosques, com todo seu ornato, compunham, através do crepúsculo e dos primeiros raios da lua, um espetáculo menos vivo porém mais tocante do que durante o brilho do dia. O murmúrio dos riachos, abafado pelo tumulto do dia, começava a se fazer ouvir. Diversos animais domésticos, voltando a passos lentos, mugiam ao longe e pareciam alegrar-se com o repouso que a noite iria lhes oferecer. A calma que começava a reinar por toda parte tornava-se tão mais encantadora por anunciar lugares tranquilos sem serem desertos, e mais a paz do que a solidão.

Nessa confluência de objetos agradáveis, o filósofo, tocado como sempre se sente nesses casos uma alma sensível em que reina a tranqüila inocência, entrega seu coração e seus sentidos a doces impressões. Para gozar delas mais à vontade, deita-se na relva e, apoiando a cabeça nas mãos, passeia deliciosamente o olhar sobre tudo aquilo que o deleita. Depois de alguns instantes de contemplação, volta casualmente os olhos para o céu e, diante dessa aparência que lhe é tão familiar e que ordinariamente o tocava tão pouco, fica tomado de admiração. Acredita ver pela primeira vez aquela abóbada imensa e sua soberba ornamentação. Nota ainda, no ocidente, os traços de fogo deixados atrás de si pelo astro que nos dá o calor e a luz. Em direção ao oriente, percebe a luminosidade doce e melancólica daquele que guia nossos passos e excita nossos devaneios durante a noite. Distingue ainda dois ou três astros que se fazem notar pela aparente irregularidade de seu trajeto em meio à

disposição constante e regular de todas as outras partes do céu; considera, com um frêmito indefinido, a marcha lenta e majestosa dessa multidão de globos que rolam em silêncio sobre sua cabeça e que lançam incessantemente através do espaço dos céus uma luz pura e inalterável. Apesar dos espaços imensos que os separam, esses corpos mantêm entre si uma secreta correspondência que os faz moverem-se todos na mesma direção, e ele observa, entre o zênite e o horizonte, com uma curiosidade mesclada de inquietude, a estrela misteriosa em torno da qual parece se fazer essa revolução comum. Que mecanismo inconcebível pôde submeter todos os astros a essa lei, que mão foi capaz de ligar dessa forma todas as partes do universo entre si; e por qual estranha faculdade de mim mesmo todas essas partes, unidas externamente por essa lei comum, são também unidas em meu pensamento, em uma espécie de sistema que suspeito existir sem concebê-lo?

A mesma regularidade de movimento que observo nas revoluções dos corpos celestes, encontro-a na Terra, na sucessão das estações, na organização das plantas e dos animais. A explicação de todos esses fenômenos só pode se encontrar na matéria movida e organizada segundo certas leis; mas quem pode ter estabelecido essas leis, e como se sujeitam a ela todos os corpos? Eis o que eu não poderia compreender. Além disso, o movimento progressivo e espontâneo dos animais, as sensações, a capacidade de pensar, a liberdade de querer e de agir que encontro em mim mesmo e em meus semelhantes, tudo isso ultrapassa as noções de mecânica que posso deduzir das propriedades conhecidas da matéria.

Posso acreditar sem dificuldade que a matéria tenha propriedades que não conheço e que talvez nunca venha a conhecer; que, ordenada ou organizada de uma certa maneira, ela se torne susceptível de sentimento, de reflexão e de vontade; mas, quanto à regra dessa organização, quem pode tê-la estabelecido, como pode ela ser alguma coisa por si mesma, ou em que arquétipo se pode concebê-la como existente?

Se suponho que tudo é o efeito de um arranjo fortuito, o que acontecerá com a idéia de ordem e com a relação entre intenção e finalidade que observo entre todas as partes do universo? Confesso que, na multidão de combinações possíveis, aquela que subsiste não pode ser excluída, e que deve mesmo ter seu lugar na infinidade das sucessões; mas essas próprias sucessões só puderam existir com a ajuda do movimento, e aí está uma fonte de novos embaraços para meu espírito.

Posso conceber que reine no universo uma certa medida de movimento que, modificando sucessivamente os corpos, continua sempre a mesma em quantidade; mas percebo que a idéia de movimento, sendo apenas uma abstração e não podendo ser concebida fora da substância movida, segue sendo necessário investigar que força pôde mover a matéria; e se a soma do movimento for susceptível de aumento ou de diminuição, a dificuldade se tornará ainda maior.

Eis-me, portanto, reduzido a supor a coisa mais contrária a todas minhas experiências, a saber: a necessidade do movimento na matéria; pois observo em todas as ocasiões que os corpos são em si mesmos indiferentes ao movimento e ao repouso e igualmente suscetíveis de um e outro, conforme a força que os impele ou retém; ao passo que me é impossível conceber o movimento como uma propriedade natural da matéria, mesmo que fosse simplesmente pela falta de uma direção determinada, sem a qual não há nenhum movimento, e que, se existisse, arrastaria eternamente todos os corpos em linhas retas e paralelas com uma força ou, pelo menos, com uma velocidade igual, sem que nunca o menor átomo pudesse encontrar um outro, nem se desviar um instante da direção comum.

Mergulhado nessas divagações e entregue a mil idéias confusas que não podia abandonar nem esclarecer, o indiscreto filósofo esforçava-se em vão para penetrar nos mistérios da natureza. O espetáculo que inicialmente o encantara era agora para ele apenas um assunto preocupante, e a fantasia de explicá-lo havia lhe retirado todo o prazer de fruí-lo.

Cansado enfim de debater-se com tanto esforço entre a dúvida e o erro, desgostoso por dividir seu espírito entre sistemas sem provas e objeções sem réplica, ele estava prestes a renunciar a essas profundas e frívolas meditações, mais apropriadas a inspirar-lhe orgulho do que sabedoria, quando de repente um raio de luz veio tocar seu espírito e desvendar-lhe essas sublimes verdades que não cabe ao homem conhecer por si mesmo, e que a razão humana serve para confirmar sem servir para descobri-las. Um novo universo ofereceu-se, por assim dizer, à sua contemplação; ele percebeu a cadeia invisível que liga entre si todos os seres, viu uma mão poderosa estendida sobre tudo o que existe, o santuário da natureza abriu-se ao seu entendimento como se abre às inteligências celestes, e todas as mais sublimes idéias que associamos à palavra *Deus* se apresentaram em seu espírito. Essa graça foi o prêmio pelo seu amor sincero à verdade e pela boa fé com a qual, sem pensar em se

ornamentar com suas procuras vãs, ele consentiu em perder o trabalho que havia empreendido e aceitar sua ignorância de preferência a perpetuar seus erros aos olhos dos outros sob o belo nome de filosofia. No mesmo instante, todos os enigmas que tanto o haviam preocupado se esclareceram em seu espírito. O curso dos Céus, a magnificência dos astros, a ornamentação da Terra, a sucessão dos seres, as relações de conveniência e de utilidade que ele notava entre eles, o mistério da organização, do pensamento, em suma, o funcionamento da máquina inteira, tudo se tornou para ele possível de se concebido como a obra de um Ser poderoso, condutor de todas as coisas; e se lhe restavam algumas dificuldades que não podia resolver, suas soluções lhe pareciam antes acima de seu entendimento que contrárias à razão, ele preferia fiar-se no sentimento interior que com tanta energia lhe falava a favor de sua descoberta do que em alguns embaraçosos sofismas que tiravam sua força apenas da fraqueza de seu espírito.

Com essas grandes e arrebatadoras luzes, sua alma, tomada pela admiração e elevando-se, por assim dizer, à altura do objeto que a ocupava, sentiu-se tomada de uma sensação viva e deliciosa; uma faísca do fogo divino que ela havia captado parecia dar-lhe uma nova vida. Arrebatado pelo respeito, pelo reconhecimento e pelo zelo, ele se levanta precipitadamente e, elevando os olhos e as mãos para o céu e inclinando em seguida a face para a terra, seu coração e sua boca dirigiram ao Ser Divino a primeira e talvez a mais pura homenagem que jamais recebeu dos mortais.

Inflamado por esse novo entusiasmo, ele teria querido comunicar seu ardor a toda a natureza, teria querido sobretudo compartilhá-lo com seus semelhantes, e seus mais deliciosos pensamentos dirigiram-se para os projetos de sabedoria e felicidade que se propunha fazer os homens adotarem, mostrando-lhes, na perfeição de seu criador comum, a fonte das virtudes que deveriam adquirir, e, em seus benefícios, o exemplo e o prêmio daqueles que deveriam distribuir. Vamos, exclamou ele, arrebatado pelo zelo, levemos por toda parte, com a explicação dos mistérios da natureza, a lei sublime do senhor que a governa e que se manifesta em suas obras. Ensinemos aos homens a se verem como instrumentos de uma vontade suprema que os une uns aos outros e a um todo mais amplo, a desprezar os males desta curta vida que é apenas uma passagem para retornar ao ser eterno do qual extraem sua existência, e a amarem-se como irmãos destinados a se reunir, um dia, no seio de seu Pai comum.

Com esses pensamentos tão lisonjeiros ao orgulho humano e tão doces para qualquer ser afetuoso e sensível, o filósofo aguardava a chegada da luz, impaciente por levar uma mais pura e mais brilhante à alma dos outros homens e comunicar-lhes as luzes celestiais que acabara de obter. No entanto, como a fadiga de uma longa meditação esgotara seu espírito e o frescor da noite convidava-o ao repouso, ficou insensivelmente sonolento e, sem deixar de devanear e meditar, adormeceu por fim profundamente. Durante o sono, a comoção que a contemplação acabara de excitar em seu cérebro provocou um sonho extraordinário como as idéias que o haviam produzido. Pareceu-lhe estar no centro de um edifício imenso, formado por uma cúpula resplandecente sustentada por sete estátuas colossais em lugar de colunas³¹. Observadas de perto, todas essas estátuas eram horríveis e disformes mas, pelo artifício de uma hábil perspectiva, quando vistas do centro do edifício, cada uma delas mudava de aparência e apresentava-se como uma figura encantadora. Todas elas tinham atitudes diversas e emblemáticas. Uma, com um espelho na mão, estava sentada sobre um pavão, do qual imitava a compostura vã e soberba. Outra, com um olhar impudico e uma mão lasciva excitava os objetos de sua sensualidade brutal a compartilhá-la com ela. Uma outra segurava serpentes nutridas de sua própria substância que ela arrancava de seu seio para devorá-las e que dele renasciam incessantemente. Outra, um horrível esqueleto que não se poderia distinguir da morte a não ser pela fulgurante avidez de seus olhos, rejeitava alimentos verdadeiros para engolir em longos tragos taças de ouro fundido que aumentavam sua sede sem saciá-la. Todas, enfim, distinguiam-se por atributos terríveis que deveriam fazer delas objeto de horror, mas que, vistos da posição de onde pareciam belas, surgiam como ornamentos de sua beleza. Sobre o fecho da cúpula estavam escritas estas palavras em grandes caracteres: *Povos, servi os deuses da terra*. Diretamente abaixo, isto é, no centro da construção e no ponto de perspectiva, encontrava-se um grande altar heptagonal para o qual os humanos acorriam em multidões a fim de dedicar suas oferendas e seus votos às sete estátuas, que honravam por mil ritos diferentes e sob mil nomes bizarros. Esse altar servia de base a uma oitava estátua, à qual todo o edifício estava

³¹ As sete estátuas representam os sete pecados capitais. Rousseau limita-se, nos parágrafos seguintes, a descrever alegoricamente apenas quatro deles: a soberba, a luxúria, a ira e a avareza.

consagrado e que compartilha as homenagens prestadas a todas as outras. Sempre envolta em um véu impenetrável, era perpetuamente servida pelo povo sem que este jamais a contemplasse; a imaginação de seus adoradores pintava-a segundo seus próprios caracteres e paixões; e cada qual, tanto mais ligado ao objeto de seu culto quanto mais imaginário esse era, colocava sob esse misterioso véu apenas o ídolo de seu coração.

Em meio à multidão que afluía incessantemente a esse lugar, ele distinguiu inicialmente alguns homens singularmente vestidos e que, por trás de uma aparência modesta e comedida, traziam em sua fisionomia algo de sinistro que anunciava ao mesmo tempo o orgulho e a crueldade. Ocupados em introduzir continuamente os povos no edifício, pareciam os oficiais ou senhores do lugar e dirigiam soberanamente o culto das sete estátuas. Começavam por vendar os olhos de todos aqueles que se apresentavam na entrada do templo; depois, conduzindo-os a um canto do santuário, só lhes devolviam a visão quando todos os objetos concorriam para fasciná-la. Se, durante o trajeto, alguém tentava retirar a venda, no mesmo instante pronunciavam sobre ele algumas palavras mágicas que lhe davam a aparência de um monstro sob a qual, abominado por todos e irreconhecível para os seus, não tardava a ser estraçalhado pela assembléia.

O mais espantoso é que os ministros do templo, que viam plenamente toda a deformidade de seus ídolos, não os serviam com menos ardor do que os cegos homens vulgares. Eles se identificavam, por assim dizer, com suas apavorantes divindades, e, recebendo em nome delas as homenagens e as oferendas dos mortais, cada um lhes oferecia, em seu próprio interesse, os mesmos votos que o temor arrancava do povo.

O ruído contínuo dos hinos e dos cantos de alegria levava os espectadores a um entusiasmo que os punha fora de si. O altar que se elevava no meio do templo quase não era visível entre os vapores de um incenso espesso que subia à cabeça e perturbava a razão, mas enquanto o vulgo via aí apenas as fantasias de sua imaginação agitada, o filósofo mais tranqüilo percebia o suficiente para avaliar o que não discernia. O aparato de uma contínua carnificina rodeava aquele altar terrível; ele viu com horror a monstruosa mistura de assassinato e prostituição. Ora precipitavam criancinhas nas chamas de madeira de cedro, ora homens feitos eram imolados pela foice de um velho decrépito. Pais desnaturados fincavam, gemendo, o punhal no seio de suas próprias filhas. Moças e rapazes vestidos com

uma pompa e elegância que realçava mais ainda sua beleza eram enterrados vivos por terem escutado a voz da natureza, enquanto outros eram entregues cerimonialmente à mais infame devassidão; e ouviam-se ao mesmo tempo, em um abominável contraste, os suspiros dos moribundos entremeados com os da volúpia.

Ah, exclamou o filósofo aterrado, que horrível espetáculo, por que conspurcar meus olhos com ele? Apressemos-nos em deixar esse lugar infernal. Ainda não é a hora, diz-lhe, detendo-o, o ser invisível que já lhe falara, acabas de compreender a cegueira dos povos, resta-te ainda ver qual é o destino dos sábios neste lugar.

No mesmo instante ele percebeu na entrada do templo um homem vestido exatamente como ele, mas a uma distância que o impedia de distinguir-lhe as feições. Esse homem, de porte grave e ponderado, não se dirigia ele próprio ao altar, mas, tocando sutilmente a venda dos que para lá eram conduzidos sem desarrumá-la perceptivelmente, devolvia-lhes o uso da visão. Esse auxílio foi logo revelado pela indiscrição dos que o recebiam, pois a maior parte deles, vendo, ao atravessar o templo, a fealdade dos objetos de seu culto, recusavam-se a ir até o altar e tentavam dissuadir seus vizinhos de fazê-lo. Os ministros do templo, sempre vigilantes com relação a seus interesses, logo descobriram a origem do tumulto. Apoderaram-se do homem disfarçado, arrastaram-no até o altar e imediatamente o imolaram sob a aclamação unânime do rebanho cego.

Voltando o olhar para a entrada vizinha, o filósofo viu ali um velho muito feio, mas cujas maneiras insinuantes e discurso simples e profundo faziam logo esquecer sua fisionomia. Assim que ele se apresentou para entrar, os ministros do templo trouxeram a venda sagrada. Mas ele lhes diz: homens divinos, poupai-vos de um trabalho supérfluo no caso de um pobre velho privado da visão, e que vem, sob vossa proteção, procurar recuperá-la aqui; dignai-vos somente conduzir-me ao altar para que eu renda homenagem à divindade e ela me cure. Como ele fingia chocar-se com força contra os objetos que o rodeavam, a esperança do milagre fez esquecer uma melhor constatação de sua necessidade; a cerimônia da venda foi omitida como supérflua e o velho foi introduzido no templo apoiado em um jovem que lhe servia de guia e ao qual não se deu nenhuma atenção.

Apavorado com o aspecto horrível das sete estátuas e com o sangue que via jorrar em torno da oitava, esse jovem tentou vinte vezes escapar e sair do templo, mas, retido pelo

velho com um braço vigoroso, foi obrigado a conduzi-lo, ou melhor, a segui-lo até o contorno do santuário para melhor observar o que via e um dia trabalhar para a instrução dos homens. Imediatamente o pretense cego saltou sobre o altar e, com um gesto ousado, descobriu a estátua, expondo-a sem véu a todos os olhares. Viam-se pintados em seu rosto o êxtase mesclado com a fúria; sob seus pés ela sufocava a humanidade personificada, mas seus olhos estavam ternamente voltados para o céu. Com a mão esquerda, segurava um coração em chamas e com a outra afiava um punhal. Essa visão fez estremecer o filósofo, mas, longe de revoltar os espectadores, estes viram nela não uma imagem de crueldade, mas um entusiasmo celestial; e sentiram aumentar pela estátua assim descoberta a devoção que tinham antes de conhecê-la. *Povos*, gritou-lhes em um tom inflamado o velho intrépido, ao aperceber-se disso, *que loucura é essa de servir Deuses que procuram apenas causar danos e de adorar seres ainda mais malfazejos que vós? Ah, em vez de forçá-los, por meio de indiscretos sacrifícios, a pensar em vós para vos atormentar, cuidai antes para que eles vos esqueçam, pois assim sereis menos miseráveis. Se acreditais poder agradá-los destruindo suas obras, o que podereis esperar deles senão que, por sua vez, eles vos destruam? Servi àquele que quer que todos sejam felizes, se quiserdes ser felizes vós mesmos.*

Os ministros não lhe permitiram prosseguir e, interrompendo-o com grande estardalhaço, pediram ao povo justiça para aquele ingrato que, como prêmio por ter, diziam eles, recobrado a visão sobre o altar da Deusa, ousava profanar sua estátua e desacreditar seu culto. De imediato todo o povo se atirou sobre ele, pronto a despedaçá-lo, mas os ministros, ao ver sua morte assegurada, quiseram revesti-la de uma forma jurídica e o fizeram condenar pela assembléia a beber água verde, tipo de morte freqüentemente imposta aos sábios. Enquanto se preparava o licor, os amigos do velho quiseram retirá-lo dali secretamente, mas ele se recusou a segui-los. Deixai-me, dizia-lhes, receber a recompensa de meu zelo daquele que é seu objeto. Vivendo entre esses povos, não estava eu submetido às suas leis, e deverei transgredi-las no momento em que elas me coroam? Acaso não sou feliz, após ter consagrado meus dias ao progresso da verdade, por poder consagrar-lhe também o fim de uma vida que a natureza iria pedir-me de volta? Ó meus amigos, o exemplo de meu ultimo dia é a única instrução que vos deixo ou, pelo menos, aquela que deve dar peso a todas as outras. Suspeitariam que vivi apenas como sofista se temesse

morrer como filósofo. Depois desse discurso, ele recebeu a taça dos sábios e, tendo bebido dela com ar sereno, passou a conversar agradavelmente com seus amigos sobre a imortalidade da alma e sobre as grandes verdades da natureza, às quais o filósofo dedicou grande atenção, pois se referiam às suas meditações precedentes. Mas o último discurso do velho, que foi uma homenagem muito nítida à própria estátua que havia desvelado, despertou no espírito do filósofo uma dúvida e um embaraço dos quais jamais pôde se livrar, e ficou-lhe para sempre a incerteza sobre se tais palavras encerravam um sentido alegórico ou foram simplesmente um ato de submissão ao culto estabelecido pelas leis. Pois, dizia ele, se todas as maneiras de servir à divindade lhe são indiferentes, é a obediência às leis que deve ter a preferência. Permanecia entretanto entre essa ação e a precedente uma contradição que lhe pareceu impossível suprimir.

Impressionado com tudo o que acabava de ver, o filósofo refletia profundamente sobre essas cenas terríveis quando de repente uma voz se fez ouvir nos ares, pronunciando distintamente estas palavras: *Eis aqui o filho do homem. Os céus se calam diante dele; terra, escutai sua voz.* Erguendo os olhos ele percebeu sobre o altar um personagem cujo aspecto imponente e doce o encheu de espanto e de respeito; suas vestimentas eram populares e semelhantes às de um artesão, mas seu olhar era celestial, seu aspecto modesto, grave e ainda menos artificial que o de seu predecessor. Seus traços tinham alguma coisa de sublime, na qual se aliavam simplicidade e grandeza, e não se podia encará-lo sem se sentir tomado de uma emoção viva e deliciosa cuja fonte não estava em nenhum sentimento conhecido pelos homens. *Ó meus filhos,* diz ele num tom terno que penetrava a alma, *venho expiar e curar vossos erros, amai aquele que vos ama e conheci aquele que é.* No mesmo instante, tomando a estátua, derrubou-a por terra sem esforço, e, subindo sobre o pedestal de maneira tão calma, parecia antes retomar seu lugar que usurpar o de outro.

Seu ar, seu tom, seu gesto causaram na assembléia uma extraordinária efervescência; o povo chegou ao delírio, os ministros irritaram-se até a fúria, mas ninguém lhes dava ouvidos. Ao pregar uma moral divina, o popular e firme desconhecido arrebatava todos. Tudo anunciava uma revolução, bastar-lhe-ia dizer uma palavra e seus inimigos seriam aniquilados; mas aquele que vinha destruir a sanguinária intolerância evitava cuidadosamente imitá-la, e não empregou senão os meios adequados às coisas que tinha a dizer e às funções de que se tinha encarregado, e o povo, cujas paixões são todas furiosas,

tornou-se menos exaltado em sua defesa. Depois do testemunho de força e de intrepidez que acabava de dar, retomou seu discurso com a mesma doçura de antes; pintou o amor dos homens e todas as virtudes com traços tão tocantes e com cores tão amáveis que, exceto os oficiais do templo, inimigos por sua própria condição de toda a humanidade, ninguém o escutou sem ficar enternecido e sem amar mais seus deveres e a felicidade dos outros. Sua fala era simples e doce e, no entanto, profunda e sublime; ela nutria a alma sem ferir os ouvidos, era o leite para as crianças e o pão para os homens. O desconhecido animava o forte e consolava o fraco, e os intelectos mais díspares entre si achavam-no igualmente à sua altura; ele não discursava em um tom pomposo e erudito, mas seu discurso familiar brilhava com a mais arrebatadora eloquência, e seus ensinamentos eram fábulas e apólogos, conversas comuns, mas cheias de justiça e profundidade. Nada o embaraçava; as questões mais capciosas que lhe propunham com a intenção de confundi-lo recebiam instantaneamente uma solução ditada pela sabedoria; bastava apenas ouvi-lo uma vez para ter a certeza de admirá-lo para sempre, sentia-se que a linguagem da verdade nada lhe custava, pois ele tinha a fonte dela em si mesmo.

[FRAGMENTO SOBRE O PODER INFINITO DE DEUS]

Por que o sublime produz um tão grande efeito? É que essa simplicidade nas grandes coisas faz supor que elas são familiares àquele que fala, que elas não têm para ele nada de extraordinário. Nada anuncia melhor um poder infinito que tanta facilidade em fazer aquilo que ultrapassa o entendimento humano. A imaginação assusta-se e se detém procurando aquilo que poderia custar algum esforço àquele que não o emprega em produções tão incompreensíveis quanto essa.

Quê! Criar a luz é uma operação tão simples que basta dizer tranqüilamente à luz para existir para que de imediato ela exista!...

Mesma simplicidade no discurso e na execução. Nem o autor, nem o historiador nada viram de espantoso em uma operação que o leitor nem sequer pode imaginar. Qual é então essa ordem desconhecida de poder, cujas menores operações estão acima do espírito humano, e o que se deve supor naquelas que lhe custariam um certo esforço?...

Mane, Farés, Tecel³². Intrepidez sublime no espectador que teria copiado tranqüilamente essas palavras em suas tabuinhas.

³² Vocábulos enigmáticos, escritos na parede por mão sobrenatural, durante o Festim de Baltazar (Daniel 5). Nas versões da Vulgata, de Teodocião e dos LXX, os termos aparecem em outra ordem (*Mane, Tecel, Farés*). Nas traduções modernas, a palavra *Mane* apresenta-se duplicada e, em vez de *Farés*, temos *Parsin* (*Mane, Mane, Tecel, Parsin*). Os vocábulos evocam três pesos ou moedas orientais: a mina, o siclo e a meia-mina e prestam-se a trocadilhos com os verbos hebraicos “medir”, “pesar” e “dividir”, daí a interpretação dada por Daniel ao rei (Dn 5, 26-28): “*Mane* – Deus *mediu* o teu reino e deu-lhe fim; *Tecel* – tu foste *pesado* na balança e foste julgado deficiente; *Parsin* (*Farés*) – teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas” (*A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 1694).